



BRASIL X ÁFRICA

O diálogo necessário



Obra de Lourdes Machado

O País influi na economia e na cultura de várias nações africanas, mas está praticamente fechado ao que elas oferecem nesses campos. O conhecimento sobre o potencial do continente do outro lado do Atlântico pode iniciar uma colaboração com benefícios para todos.

Págs. 8 e 9

**Atividade física
reduz em mais de 35%
custo de tratamento
de hipertensos**

Pág. 3

**Evento internacional
em Araraquara
analisa relação entre
violência e exclusão**

Pág. 5

**Rio Claro identifica
dentes de dinossauros
carnívoros que viveram
no Maranhão**

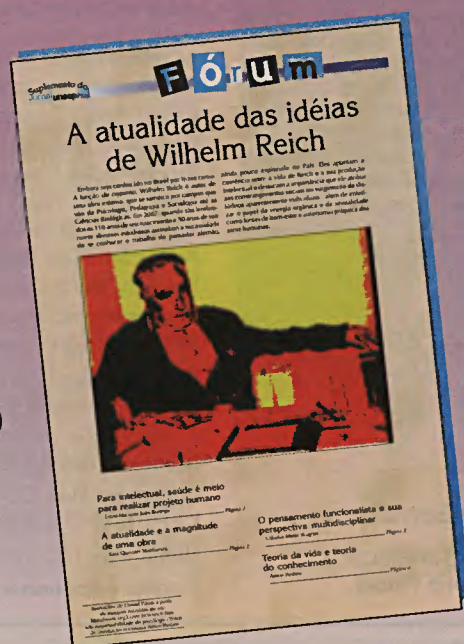
Pág. 7

Medo e esterilização

Para antropóloga, temor em relação ao futuro leva mulheres pobres a evitar filhos

Pág. 4

**Wilhelm
Reich, um
pensador
ainda
desconhecido
entre os
brasileiros**



Os operários, Tarsila do Amaral

O mundo em São Paulo

Obra mostra presença de vários povos na história, arte e arquitetura da capital

Pág. 16

A “revolução copernicana” nos estudos da defesa

HÉCTOR LUIS SAINT-PIERRE

Chamamos “o destino das paralelas”¹ a peculiar funcionamento da política de defesa e da diplomacia na política externa brasileira. Ambas, de costas, projetam o Brasil internacionalmente como guiadas pelas suas “lógicas” próprias – como se as tivessem. Pela falta de uma política externa nacional ou ignorando-a, elas parecem obedecer ao interesse corporativo das respectivas burocracias do Estado (Forças Armadas e Itamaraty) ou aos desígnios dos que se encontram no seu comando. Afortunadamente, muitas vezes elas estão sintonizadas, mais por um ideal nacionalista de ambas as corporações do que pela obediência à política de Estado. Esse fenômeno, além de mostrar a falta dessa política, e talvez como sua causa, revela o pouco interesse que o tema da política externa – seja na sua variante diplomática ou da defesa – ainda desperta na sociedade em geral e na sua representação política em particular.

Nos últimos anos, houve reuniões de especialistas em defesa em vários países da América Latina e esse fenômeno se reproduz em quase todas elas. O tema dessas reuniões tem sido o “Debate democrático para a política de defesa nacional”. Resumidamente, esses encontros constituem o processo de abertura nacional das “caixas-pretas” das questões de defesa, nos quais se discute desde o tema da violação dos direitos humanos, nas recentes ditaduras, até modelos de defesa e projeção estratégica nacional. Todavia, em todos foi possível notar o que denominamos “posição epistemológica ptolemaica” nos assuntos da defesa. Essa posição consiste em pensar a defesa nacional como se ela fosse uma questão interna aos Estados. Justifica-se: na história de nossa região, os militares tiveram

uma participação decisiva na formação das novas nações e, conservando uma antidemocrática autonomia dentro do Estado, intervieram sempre que acharam oportuno no cenário político e nos destinos nacionais. Por isso, não se deve estranhar essa preocupação “ptolemaica” por parte dos acadêmicos do tema. Desde a década de 1970, o tema do “controle civil sobre os militares” dominou o cenário epistemológico dessa área e certamente permanecerá algum tempo como tema central. Por serem os militares o instrumento específico da defesa, quando se pensa a política da área, não é difícil considerar também o tema do controle civil, que é eminentemente referido à política nacional.

A história deve ser escrita sem hesitações e a justiça deve ser feita, doa a quem doer. Às vezes, a imputação jurídica cede às pressões políticas por conveniências de “governabilidade”,

O que dá sentido ao tema da defesa nacional é o ambiente internacional em que um país se encontra

mas a imputação causal da história não pode deter-se ante nada. Dito isso e cientes do longo caminho a percorrer até consolidar a frágil democracia do nosso continente com a normalização do controle civil sobre os militares, propomos a ruptura epistemológica da “perspectiva ptolemaica” em questões de defesa para realizar uma “revolução copernicana” na área. Essa consiste em ver os temas da defesa na sua natureza específica, que é internacional, já que o sentido da defesa não é outro que o ambiente internacional no qual o país se encontra.



Construção da força espacial, Liubov Papova

Talvez por isso, nas reuniões mencionadas, os acadêmicos debatam com políticos, diplomatas e militares, porque a defesa não pode ser pensada apenas por um desses segmentos. Mas o que fica claro nesses encontros é a falta de formação acadêmica específica para estar à altura da importância nacional dos debates, a ausência de especialistas em relações internacionais expertos em temas da defesa e segurança internacional. Nenhum dos cursos de Relações Internacionais no Brasil contempla nem sequer uma disciplina referida ao tema da defesa. Dramático é constatar que a formação acadêmica dos nossos diplomatas tampouco a tem, assim como, por parte dos militares, é notória a falta de estudos em RI na sua formação superior. Recentemente alguns cursos de RI incorporaram a disciplina Segurança Internacional, mas nem a perspectiva da defesa, que dá sentido e peso empírico àquela, nem o estudo das Forças Armadas, que são seu instrumento, mereceram alguma reflexão especial por parte desses cursos.

Nossa Universidade, atenta a esse déficit, contempla no seu curso de RI do câmpus de Franca duas disciplinas sobre esses assuntos e que o tornam único: Segurança Internacional

e Resolução de Conflitos e Auxílio Humanitário Internacional. A UNESP, associada com a Unicamp e a PUC-SP, no já consagrado programa de pós-graduação de RI “San Tiago Dantas”, instituiu uma área de concentração em Paz, Defesa e Segurança Internacional, induzida pelo Ministério da Defesa e Capes, para satisfazer uma demanda crescente e uma necessidade impostergável de profissionais nessas áreas. Demanda essa não apenas acadêmica, como atesta a presença de oficiais das Forças Armadas entre nossos alunos e postulantes, nem só do Brasil, como o demonstram os candidatos de diferentes países.

¹ Ver artigo “Política de defesa e Relações Internacionais no Brasil: o destino das paralelas”, publicado nos anais do XXVI Congresso Internacional da Latin American Studies Association, Porto Rico, março de 2006.

Héctor Luis Saint-Pierre, docente da Faculdade de História, Direito e Serviço Social, câmpus de Franca, é líder do Grupo de Estudos da Defesa e Segurança Internacional (Gedes), diretor do Centro de Estudos Latino-Americanos (Cela) da UNESP e coordenador da área Paz, Defesa e Segurança Internacional do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais “San Tiago Dantas”.

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: Marcos Macari
Vice-reitor e Assessor de Planejamento e Orçamento: Herman Jacobus Cornelis Voorwald
Pró-reitor de Administração: Julio Cezar Durigan
Pró-reitor de Extensão Universitária: Maria Amélia Máximo de Araújo
Pró-reitor de Graduação: Sheila Zambello de Pinho
Pró-reitor de Pesquisa: José Arana Varela
Pró-reitor de Pós-Graduação: Marilza Vieira Cunha Rudge
Secretário-geral: Maria Dalva Silva Pagotto
Chefe de Gabinete: Kléber Tomás Resende
Assessoria de Informática: Alberto Antonio de Souza
Procuradoria Jurídica: Edson César dos Santos Cabral
Assessoria de Relações Externas: Elisabeth Criscuolo Urbanati
Diretores/Coordenadores-executivos das Unidades Universitárias: Paulo Roberto Botacin (FO-Araçatuba), Iguatemy Lourenço Brunetti (FCF-Araçatuba), Rosemary Adriana Chierici Marcantonio (FO-Araçatuba), Cláudio Benedito Gomide de Souza (FCL-Araçatuba), Maysa Furlan (IQ-Araçatuba), Antonio Celso Ferreira (FCL-Assis), Antonio Carlos de Jesus (FAAC-Bauru), Henrique Luiz Monteiro (FC-Bauru), Alcides Padilha (FE-Bauru), Leonardo Theodoro Büll (FCA-Botucatu), Joel Spadaro (FM-Botucatu), Maria de Lourdes Mendes Vicentini Paulino (IB-

Botucatu), Edson Ramos de Siqueira (FMVZ-Botucatu), Mário de Beni Arrigoni (Dracena), Ivan Aparecido Manoel (FHDSS-Franca), Tânia C. A. M. de Azevedo (FE-Guaratinguetá), Wilson Manzoli Júnior (FE-Ilha Solteira), Marcos Tadeu Tibúrcio Gonçalves (Itapeva), Roberval Daiton Vieira (FCAV-Jaboticabal), Tullo Vigevani (FFC-Marília), João Lima Santana Neto (Ourinhos), João Fernando Custódio da Silva (FCT-Presidente Prudente), Sérgio Hugo Benez (Registro), Amilton Ferreira (IB-Rio Claro), Sebastião Gomes de Carvalho (IGCE-Rio Claro), Rosângela Custódio Cortez Thomaz (Rosana), Carlos Roberto Ceron (Ibilce-São José do Rio Preto), Paulo Villela Santos (FO-São José dos Campos), João Cardoso Palma Filho (IA-São Paulo) e Marcelo Antônio Amaro Pinheiro (CLP-São Vicente), Galdenoro Botura Júnior (Sorocaba) e Elias José Simon (Tupã).



Governador: José Serra

SECRETARIA DE ENSINO SUPERIOR
Secretário: José Aristodemo Pinotti

Jornal unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - Junho 2007 - Ano XXI - Nº 223

Assessor-chefe: Maurício Tuffani
Coordenador de imprensa: Oscar D'Ambrosio
Editor: André Louzas
Redação: Dênio Maués, Genira Chagas e Julio Zanella
Programação Visual: J&I Artes Gráficas
Colaboraram nesta edição: Eliana Assumpção, Noélia Ipê e Regina Agrella (fotografia); Daniel Patire (texto e fotografia)
Produção: Mara Regina Marcato
Revisão: Maria Luiza Simões
Versão on-line: Paulo Rocha
Tiragem: 15.000 exemplares
Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI).
A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Rua Quirino de Andrade, 215, 4º andar, Centro, CEP 01049-905, São Paulo, SP. Telefone: (11) 5627-0323.
Home page: <http://www.unesp.br/jornal/>
Fotolito e Impressão: Art Printer Gráficos Ltda.

SAÚDE

Atividade física contra hipertensão

Caminhadas e sessões de alongamento podem reduzir em mais de 35% custos de tratamento de pacientes

A prática regular de exercícios físicos por pessoas com hipertensão pode levar a uma economia de mais de 35% nos custos de tratamento desses pacientes. Essa foi a conclusão obtida por um projeto realizado pelos professores Henrique Luiz Monteiro e Sandra Lia do Amaral, ambos da Faculdade de Ciências (FC), do campus local, e a estudante Lívia Maria de Castro Rolim, da Faculdade de Medicina (FM), do campus de Botucatu.

Participaram do estudo 31 pacientes, que foram submetidos a acompanhamento ambulatorial ao longo de dois anos, sendo 12 meses antes e 12 meses após serem submetidos à rotina regular de atividade física, que incluiu caminhadas e sessões de alongamento, três vezes por semana. Após um ano de exercícios, foi diagnosticada uma significativa melhora da saúde dos participantes, com queda dos níveis de pressão arterial, diminuição das taxas de gordura e açúcar no sangue e aumento da capacidade cardiorrespiratória, entre outros bons resultados.

Como consequência, foi obtida uma redução de 28% nos custos com consultas médicas, 45,1% com exames clínicos e 24,8% com medicamentos, o que, na média, resultaria numa economia anual de R\$ 28.886,68, a cada 100 pacientes. “Com essa redução de gastos, o governo poderia contratar alguns professores de



Participantes do projeto apresentaram melhora na pressão arterial e nas taxas de gordura e açúcar no sangue

Educação Física”, acredita Monteiro. “Desse modo, o Estado teria uma economia considerável na área de saúde.”

Atualmente, a DIR-10 (Divisão Regional de Saúde de Bauru) possui cerca de 1.700 pacientes hipertensos. De acordo com números do Datasus (Banco de Dados do Sistema Único de Saúde), no primeiro trimestre de 2006, a hipertensão arterial foi responsável por 10,5% das cerca de 2,8 milhões de internações no País, no período.

Apoio da Secretaria

Os hipertensos que participaram do projeto foram selecionados pelos médicos do Núcleo de Saúde Otavio Rasi, que inicialmente forneceu o prontuário – o histórico de saúde – desses pacientes. A equipe da

unidade básica de saúde realizava os primeiros exames e, após diagnóstico, encaminhava os pacientes para a UNESP. “É necessário que o indivíduo vá para o campus da Universidade, porque lá nós temos uma boa infra-estrutura”, disse Monteiro.

A iniciativa, concluída no fim de

2006, foi um resultado da parceria da Secretaria de Saúde do Município com o Departamento de Educação Física da FC. A próxima etapa do projeto prevê a implantação do serviço em diversos pontos de Bauru. “A Secretaria de Saúde pretende criar o serviço em todos os Núcleos de Saúde do município”, afirma Monteiro.

A proposta prevê o uso da estrutura do bairro, como quadras escolares, avenidas ou trechos planos, para o paciente se exercitar. O monitoramento da pressão arterial e da frequência cardíaca deverá ser realizado nos próprios Núcleos de Saúde e, após quatro meses, os pacientes serão deslocados para a UNESP.

“Quando o programa for implantado nas outras unidades básicas de saúde da cidade, o profissional de educação física e o médico trabalharão no mesmo local, havendo maior integração, diferentemente do que é hoje”, disse Monteiro.

Danilo Koga

Taxa de portadores da doença no País pode aumentar 80% até 2025

Uma equipe de especialistas da London School of Economics (Grã-Bretanha), do Instituto Karolinska (Suécia) e da Universidade do Estado de Nova York (EUA), realizou estudos para a prevenção dos riscos associados à pressão sanguínea elevada. Em relatório publicado em abril, foi diagnosticado que cerca de 1,56 bilhão de pessoas podem sofrer de hipertensão arterial em 2025, ou seja, 60% a mais do que hoje em dia.

Os pesquisadores se preocupam com os países em desenvolvimento, especialmente Brasil, China, Índia, Rússia e Turquia, onde os números podem aumentar 80% até 2025. Segundo o estudo, 40% da população espanhola sofria de hipertensão em 2000, contra 20,3% nos Estados Unidos, 29,6% no Reino Unido e 16,9% na Grécia.

De acordo com o Sistema Único de Saúde (SUS), no período de julho de 2000 a junho de 2001, houve 1.800.155 internações, sendo 9,7% provenientes de doenças cardiovasculares e 14,9% causadas pela hipertensão arterial. Nas internações por problemas cardiovasculares, cerca de 80% dos casos estão relacionados à hipertensão arterial como principal fator de risco.

(DK)

EDUCAÇÃO FÍSICA

Apoio ao atletismo na rede pública

Aulas e material didático levam jovens e crianças a conhecer melhor essa modalidade esportiva

O interesse dos alunos da rede pública de Rio Claro pelo atletismo vem sendo estimulado por uma iniciativa organizada pela docente Sara Quenzer Mathiesen, do campus local da UNESP. O projeto, denominado “Atletismo se aprende na escola”, está sendo realizado com alunos da 8.ª série da Escola Estadual Odilon Corrêa. “Por meio das aulas de Educação Física, as crianças têm acesso a dados da história do esporte e começam a fazer movimentos físicos que, por diversas razões, deixaram de ser propostos”, esclarece Sara. “Com essa forma de ensino, notamos o progresso na execução das tarefas.”

A iniciativa é desenvolvida pelo Grupo de Estudos Pedagógicos e Pesquisa em Atletismo (Geppa), coordenado por Sara, professora do Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências (IB), com a colaboração de estudantes de graduação e pós-graduação dessa Unidade. Com apoio da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), o projeto integra, desde 2003, o Núcleo de Ensino local.

Entre as atividades já desenvolvidas, foi elaborado um caderno didático com ilustrações referentes à história



Estudantes melhoraram desempenho na execução de tarefas

do atletismo, com exemplos de provas e imagens históricas. Além disso, os graduandos produzem artigos de divulgação e trabalhos de conclusão de curso, que podem subsidiar os professores de Educação Física.

Além da produção do material, são organizadas oficinas pedagógicas com esses profissionais, para estimular o ensino do atletismo. As ações do Geppa somam-se a dois projetos do programa de extensão universitária da Unidade, cujo intuito é difundir essa modalidade entre os mais jovens.

O primeiro, “Atletismo para crianças e jovens entre 10 e 16 anos”, acontece desde 1999. Por meio de jogos pré-desportivos e desenvolvimento de habilidades motoras, como correr, saltar, arremessar, os estagiários ensinam o significado dessa atividade para meninos e meninas.

O outro projeto, “Visitas de escolas à pista de atletismo”, é uma parceria com os professores da região. Com visitas programadas à pista do IB, as crianças conhecem os materiais oficiais das provas e o espaço em que elas ocorrem.

Daniel Patire

Esterilização revela temor do futuro

Para antropóloga, mulheres carentes evitam filhos pelo medo de que eles se envolvam com o crime

O conhecimento de como as pessoas pensam o futuro tem norteado as pesquisas da antropóloga dinamarquesa Anne Line Dalsgaard, autora do livro *Vida e esperanças*. (Leia resenha abaixo.) Ao pesquisar como as meninas de diferentes países enfrentam a primeira gravidez, ela se defrontou com a questão da esterilização no Recife. Em visita ao País, essa professora de Antropologia na cidade de Aarhus falou ao *Jornal UNESP* sobre sua área de trabalho e a relação entre esterilização, pobreza e violência na capital pernambucana.

Jornal UNESP – A Antropologia de hoje está mais preocupada com os fenômenos sociais e a orientação de políticas públicas?

Anne Line – A Antropologia sempre teve um lado mais acadêmico e outro mais social. Na Dinamarca, o trabalho antropológico é muito mais direcionado a questões acadêmicas, para a compreensão dos valores culturais associados aos fenômenos históricos. Acho que, no Brasil, o antropólogo busca mais soluções práticas para as questões sociais. Em relação ao meu trabalho, espero que ajude a melhorar a vida das pessoas, mas o sentido dele foi sempre retratar o que está por trás do rumo que as pessoas dão à sua vida.

JU – Como surgiu o interesse pela questão da esterilização no Brasil?

Anne Line – Comecei a desenvolver uma pesquisa comparativa sobre como as jovens de diferentes países lidam com a expectativa da primeira gravidez. Fiquei sabendo que o Brasil era o campeão mundial da cesariana e resolvi, em 1998, vir ao



Anne Line morou no Recife para entender motivos da realização de ligadura de trompas

País para conhecer melhor essa realidade. No Recife, descobri que a preocupação maior das meninas não era saber que tipo de parto fazer, mas sim realizar a ligadura das trompas. Em 1998, esse procedimento não fazia parte de um programa de saúde, como ocorre hoje. As próprias mulheres procuravam a ligadura indicada pelos médicos e que era usada pelos políticos como moeda de troca nas eleições.

JU – Como foi a experiência de viver em um bairro pobre no Recife?

Anne Line – No começo, vim com marido e dois filhos e me dediquei apenas a levantar dados sobre o problema e entrevistar as pessoas. Depois que minha família voltou para a Dinamarca, mudei para a casa de uma das entrevistadas, para viver o cotidiano dessas mulheres e entender o que estava por trás da vontade delas de fazer a ligadura.

JU – Quais os principais motivos que a senhora encontrou na pesquisa?

Anne Line – Primeiro, elas alegavam

questões financeiras, a relação com a sogra e doenças. Mas passei a perceber que o grande temor era ver o filho acabar preso ou morto por brigas de gangues. Nos bairros pobres do Recife, três em cada cinco famílias têm casos de pessoas mortas pela violência urbana. A esterilização era também uma forma de elas não carregarem a culpa de perder um filho para o crime.

JU – Como a senhora vê um País que proíbe o aborto e permite a esterilização?

Anne Line – É curioso, mas ambos os casos têm raízes sociais, de falta de informação e educação em saúde. Para as mulheres, trata-se de um problema social e existencial.

JU – Como esse problema pode ser comparado ao da Europa, que enfrenta a questão da baixa natalidade, com mulheres que também não desejam ter filhos?

Anne Line – As motivações são diferentes. Na Europa, as mulheres não querem ter filhos pela competitividade no mercado de trabalho. Já no Brasil, é o medo de perder o filho por causa da violência provocada pelas condições sociais.

JU – Depois dessa experiência, a senhora é contra a esterilização?

Anne Line – No contexto em que essas mulheres vivem, a esterilização, infelizmente, passa a ser uma atitude responsável, na prevenção de um mal ainda maior. Porém, muitas que fizeram ligadura motivadas pelo aspecto financeiro, anos mais tarde chegaram à conclusão que continuam sem estudar, sem emprego e sem dinheiro.

Julio Zanella

Mulher frente ao biombo, Emiliano Di Cavalcanti



RESENHA

Condição feminina num bairro pobre

Obra relaciona controle de natalidade e desejo de melhoria de vida em área periférica do Recife

ações individuais, esperanças, aspirações, processos históricos e forças políticas e econômicas. Desse modo, descreveu a esterilização não apenas como um método de controle da natalidade, mas, principalmente, como uma maneira de definir os rumos da própria vida.

Um dos principais méritos do livro é mostrar como as pessoas são conduzidas pelo sonho de felicidade alimentada pelo consumo, pela mídia e pelo mercado. Ampliam assim o desejo de atingir um resultado que permitiria que elas mesmas deixassem de se considerar cidadãs de segunda classe.

Para a antropóloga, a esterilização resulta do “descaso político pelo desejo das mulheres de ter menos filhos e da falha do Estado brasileiro em oferecer normas alternativas de contracepção”.

Nessa visão, a opção por não ter filhos manifesta “uma grande preocupação com o futuro e insatisfação com o presente”.

Dados como desemprego, frustrações e divórcio interferem na economia familiar. Isso se alia ao fato de as mulheres geralmente ficarem com a responsabilidade pelo futuro dos filhos. Para piorar, elas convivem com pobreza, negligência e falta de atendimento adequado nos hospitais.

Outras variáveis que envolvem a esterilização estão

no arrependimento de algumas mulheres que passam por esse processo. Na sua interação com a comunidade onde residiu com o marido e os filhos, Anne Line enfatiza que as mulheres querem, em última análise, “melhorar a vida”.

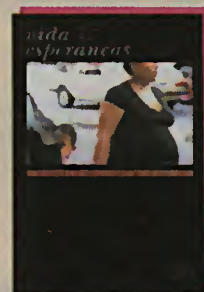
O diferencial da publicação está no diálogo entre os relatos das mulheres e os dados e estatísticas coletados e organizados. Professora associada da Aarhus University, a antropóloga tem trabalhado no Brasil durante vários períodos, desde 1997, levando em conta exatamente como a Antropologia pode contribuir para entender melhor questões sociais.

Anne Line se torna uma espécie de antropóloga da desigualdade social, pois não toma as mulheres como um frio objeto de estudo, mas como pessoas com dimensões sociais e psicológicas. O livro funciona como um necessário alerta contra o tecnicismo e a favor do humanismo adormecido da civilização contemporânea.

Oscar D'Ambrosio

Menção Honrosa da Sociedade de Antropologia Médica, órgão da Associação de Antropologia Americana, em 2004, esse livro, agora publicado em português, é resultado do trabalho de Anne Line Dalsgaard, antropóloga dinamarquesa que, durante quatro anos, acompanhou o cotidiano de mulheres de um bairro pobre da região metropolitana do Recife (PE), marcado pela esterilização feminina.

Anne Line mergulhou na descrição das relações pessoais dessas mulheres, estabelecendo elos entre



Vida e esperanças: esterilização feminina no Nordeste – Anne Line Dalsgaard; tradução Luciano Vieira de Carvalho; 320 páginas; R\$ 38,00. Informações: (11) 3242-7171, www.editoraunesp.br.com.br e feu@editora.unesp.br

Para entender e enfrentar a violência

Nos dias 28 e 29 de março, a Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Araraquara, promoveu o Seminário Internacional sobre Segurança Urbana e Democracia. O evento, apoiado pela Assessoria de Relações Externas da Universidade, integrou as atividades do Fórum Latino-Americano para a Segurança Urbana e Democracia,

criado em 2002, na Cidade do México, para difundir conhecimentos e experiências nessa área. Participaram do evento 13 convidados internacionais de México, Chile e Colômbia, incluindo seis prefeitos, juristas e pesquisadores. Nesta página, o *Jornal UNESP* apresenta, por meio de entrevista e reportagem, alguns dos temas discutidos.

ENTREVISTA/MILTON LAHUERTA

‘É preciso rever modelo econômico’

Sociólogo ressalta que exclusão do mercado de trabalho leva milhões a viver no limite da legalidade

Professor de Teoria Política, Milton Lahuerta é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da FCL de Araraquara. Nesta entrevista, a partir de questões como criminalidade, maioridade penal, consumismo e políticas públicas, Lahuerta enfatiza a necessidade de não só repensar o atual modelo socioeconômico em sua totalidade, mas também de rever a própria forma de se colocar o problema.

Jornal UNESP – *Quais as principais chaves interpretativas da violência urbana discutidas no Seminário?*

Milton Lahuerta – A violência não é um fenômeno exclusivo do Brasil ou do chamado Terceiro Mundo. Na raiz desse problema, coabitam fatores como a desarticulação de formas tradicionais de organização e controle sobre a sociedade, a emergência de um hiperindividualismo e o total esvaziamento das energias utópicas da sociedade. O elemento decisivo na articulação dessas novas formas de violência, porém, é a emergência de um novo padrão produtivo e tecnológico.

JU – *A lógica do consumo desenfreado também é fator preocupante?*

Milton Lahuerta – Essa lógica personifica a vitória plena do capitalismo, do consumismo e do hedonismo. Parcelas cada vez maiores da população não conseguem se socializar pelo trabalho formal. Esse fato faz com que uma monumental quantidade de pessoas passe a viver no limiar entre legalidade e ilegalidade, contribuindo para generalizar o que chamo de “moralidade elástica”. É por essa razão que o Brasil – pela irresolução do problema da escravidão, combinada com a modernização autoritária e ininterrupta que marcou sua trajetória – torna-se uma espécie de posto

avanzado não só para pensar a violência contemporânea, mas também para refletir sobre os seus fundamentos.

JU – *Qual é o papel da Universidade diante dessas demandas sociais?*

Lahuerta – Neste mundo marcado pelas transformações rápidas e pelo culto da velocidade, os valores clássicos da humanidade não são mais levados a sério. À universidade, portanto, está destinado um duplo papel: o de resgatar e transmitir as experiências e os valores acumulados pela humanidade e o de ensinar as novas gerações não só a pesquisar e descobrir o novo, mas também a organizar a infinita quantidade de informações a partir de algum tipo de hierarquia moral.

JU – *Como podemos analisar o comportamento da sociedade diante do avanço da violência?*

Lahuerta – As proposições de diminuição da maioridade penal, pena de morte, prisão perpétua, atestam o medo da sociedade diante do caráter de massa dos acontecimentos. Todas essas são soluções equivocadas e ineficazes. A maioria dos indivíduos que cometem ou vão cometer crimes não foi e não será mais incorporada pelo mercado formal de trabalho. Nesse contexto, a forma mais frequente de reconhecimento social se traduz numa hiper-radicalização consumista, com a tentativa de afirmar alguma distinção pela incorporação dos ícones de sucesso que consagram a hegemonia capitalista.

JU – *Como pensar o jovem neste cenário?*

Lahuerta – A maior vítima neste cenário é, sem dúvida, o jovem. Por melhores condições profissionais e familiares



Natália Botura de Paula Ferreira

Lahuerta enfatiza valores de solidariedade, ética e tolerância

de que disponha, ele encontrará imensas dificuldades de se socializar pelo trabalho. A questão chave está em repensarmos o modelo em seu conjunto. Há que se aumentar a reflexividade social, reduzindo o ritmo e alterando o sentido das modificações, restando o *ethos* consumista e destrutivo, desencadeando processos no quais se constroem valores que não estejam centrados na lógica do custo/benefício, mas que recuperem dimensões humanas essenciais de solidariedade, ética e tolerância.

Natália Botura de Paula Ferreira,
bolsista UNESP/Universia/FCL/Araraquara

EDUCAÇÃO SEXUAL

Alunas não conhecem menstruação

Falta de informação afeta vida pessoal e escolar de adolescentes de Araraquara e Ribeirão Preto

Uma pesquisa realizada com meninas entre 10 e 14 anos, alunas de escolas de bairros periféricos de Araraquara e Ribeirão Preto, mostra que elas não recebem orientação ou apoio para enfrentar a menstruação. Por causa da mudança de comportamento nesse período, muitas delas são vistas como estudantes indisciplinadas, por não freqüentarem regularmente as aulas.

Coordenado pelo sociólogo Augusto Caccia-Bava, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Araraquara, o estudo foi apresentado no Seminário Internacional sobre Segurança Urbana e Democracia. O trabalho foi publicado na edição número 1 dos *Cadernos de Formação Cultural*, periódico trimestral do



Capoeira numa das escolas: orientação deficiente prejudica garotas

Cebrij (Centro Brasileiro da Infância e Juventude) lançado durante o evento.

O levantamento foi realizado por um

grupo de alunas da FCL, em escolas de bairros em situação de extrema pobreza. As 596 entrevistadas, a maioria filhas de lavradores, relataram sentir algum desconforto no período, que varia de uma simples indisposição a transtornos como cólicas, dor de cabeça e de estômago. As adolescentes disseram que recebem pouca orientação, geralmente das próprias mães, e buscam aconselhamento com outras garotas, igualmente desinformadas.

Sem orientação

De acordo com o levantamento, as escolas não dão orientações sobre a menstruação e a sua relação com a sexualidade. As próprias professoras e pedagogas ignoram que as

adolescentes necessitam de ajuda.

Em dias de fluxo, a falta de condição financeira para a compra de absorventes obriga as jovens a apelar para pedaços de tecidos, meias ou roupas escuras, folhas de jornal e fraldas de bebê. Mal orientadas, nesses dias, muitas não andam descalças, não lavam a cabeça, não tomam gelado nem comem determinados alimentos, além de não praticarem esporte.

Caccia-Bava explica que a pesquisa busca levantar subsídios para que o poder público adote medidas educativas para os jovens, além de proteção das meninas na idade da menarca. “Elas estão em situação de abandono e as consequências são graves”, ressalta o sociólogo, apontando problemas que vão da queda de aprendizagem ao abandono dos estudos. O docente sugere que as escolas sejam envolvidas e preparadas para apoiar as jovens e que o Programa de Saúde da Família também se volte para esse tema.

Genira Chagas

Sistemas geram economia de R\$ 1,13 milhão na UNESP

Universidade reduz custos e burocracia, além de integrar câmpus, com serviços de videoconferência, UnespTVnet, telefonia VoIP, editoração de sites e Acompanhamento de Desenvolvimento Profissional

A UNESP economizou R\$ 1,13 milhão com o desenvolvimento e implementação dos sistemas de serviços que trazem vantagens em termos de custos das diárias, transporte e improdutividade pelo tempo do deslocamento. Recursos como transmissão simultânea de áudio e vídeo pela videoconferência e UnespTVnet tornaram possível a reunião virtual de grupos para finalidades diversas, como treinamentos, defesas de teses e dissertações.

Para a UNESP, cujas unidades universitárias estão em diferentes regiões do Estado, esse serviço proporciona economia de custos e de tempo. Desde 2004, quando a videoconferência entrou em funcionamento, por exemplo, foram feitos cerca de 250 atendimentos. O desenvolvimento e gerenciamento desses recursos é uma das tarefas da Assessoria de Informática (AI) da Universidade.

Ensino a distância

Para o ensino a distância (EaD), a Assessoria já dispõe de tecnologia específica para ensino e aprendizagem. Falta apenas aprimoramento da infra-estrutura para garantir o pleno funcionamento do EaD, segundo o assessor-chefe da Assessoria de Informática, Alberto Antônio de Souza.

A edição de textos no Portal UNESP e em suas páginas internas tem sido feita por meio da internet, com o Sistema de Editoração de Sites (SES) desenvolvido pela equipe da AI. O SES permite a atualização das informações de forma rápida e simpli-



ficada e atendendo ao padrão visual da Universidade.

Telefonia

A implantação do modelo de telefonia que utiliza a rede de computadores em substituição à rede convencional, chamada de "Voz sobre IP" ou VoIP, é também uma das conquistas da Assessoria. Atualmente, todos os telefones da Reitoria, localizada no município de São Paulo, e mais 200 aparelhos em unidades funcionam pela rede de dados, gerando uma economia de cerca de 70% nas contas telefônicas.



Público acompanha, na Reitoria, palestra com transmissão ao vivo pela internet

Entre unidades, os telefones que utilizam o sistema VoIP fazem chamadas interurbanas ao custo de minutos locais, independentemente da cidade onde a ligação foi originada. Além disso, por esse canal, as ligações entre ramais não têm custo de operadoras de telefonia. "A implantação da telefonia VoIP permite o atendimento da demanda antes reprimida", assinala o responsável pela AI.

ADP

Antes do desenvolvimento do sistema de Acompanhamento de Desenvolvimento Profissional (ADP), interligado em rede, a Coordenadoria de Recursos Humanos recolhia os dados dos servidores por meio de impressos preenchidos manualmente. Após a conclusão do software, a execução da tarefa tornou-se mais simples e eficiente.

Cada um dos cerca de sete mil servidores preenche sua própria avaliação, utilizando a internet, para posterior aprovação de seu superior, sem burocracia e perda de tempo. Esse foi o primeiro grande sistema com acesso via web na UNESP, segundo seus programadores.

O ADP e outros sistemas importantes, como os que reúnem informações sobre orçamento e finanças, recursos humanos, graduação, pós-graduação, pesquisa e iniciação científica, serão reunidos no Portal de Sistemas da UNESP e acessíveis mediante autenticação automática. "A área de informática tem conseguido significativos avanços e permitido que a Universidade desenvolva e divulgue adequadamente suas atividades de ensino, pesquisa e extensão", conclui Souza.

Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI)

PUBLICAÇÕES

Software apóia edição de periódicos eletrônicos

Programa adapta artigos a recursos da internet e divulga conteúdos com indexação em sites de busca

Os editores de revistas científicas da UNESP já têm à sua disposição o Sistema Eletrônico de Editoração de Revistas (Seer), um software livre de editoração de periódicos na internet. Essa novidade é uma iniciativa do Conselho Editorial de Periódicos Científicos (CEPC) da UNESP, ligado à Pró-Reitoria de Pesquisa (Prope).

Ao tornar disponível o software, a Pró-Reitoria busca difundir os artigos no meio eletrônico, indexando as publicações a ferramentas de busca. "Nosso objetivo não é somente transformar as revistas em periódicos eletrônicos, mas também aumentar a sua visibilidade e impacto, por meio da divulgação de seu conteúdo e indexação nos sites de busca, como o Google", comenta Tânia Regina de Luca, coordenadora do CEPC e professora da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), câmpus de Marília.

O Seer é a tradução e adaptação, feita pelo IbiCT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia), do software OJS (Open Journal Systems). O



Periódico ARBS: disponível no ambiente do software

programa, desenvolvido pela Universidade da Colúmbia Britânica, no Canadá, é utilizado para a construção e gestão de periódicos eletrônicos, de acordo com a proposta de acesso livre aos artigos.

Esse sistema possibilita uma completa autonomia nas decisões do editor, que dispõe de assistência e registro on-line em todas as fases do sistema de gerenciamento. "O Seer é simples de ser manuseado e, no momento em que o editor disponibiliza o artigo na internet, são criados os dados indexados para as ferra-

mentas de busca. Esses dados são, por exemplo: título, autor, palavras-chaves", explica Silvana Vidotti, professora da FFC e membro da CEPC.

Auxílio de bibliotecários

O CEPC conta com o apoio da Coordenadoria Geral das Bibliotecas (CGB) para a implantação do Seer. Segundo a coordenadora da CGB, Margaret Alves Antunes, bibliotecários de diferentes câmpus serão treinados para auxiliar os docentes.

São também membros do CEPC os professores Daisy Maria Fávero Salvadori,

assessora da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e docente da Faculdade de Medicina, câmpus de Botucatu; Maria Encarnação Beltrão Sposito, da Faculdade de Ciências e Tecnologia, câmpus de Presidente Prudente; e Milton Lahuerta, da Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Araraquara.

Para aprofundar o debate sobre publicações eletrônicas, livre acesso e produção acadêmica, a Prope disponibiliza em sua página na web artigos acadêmicos e da mídia (<http://www.unesp.br/prope/revcientifica/publicacoesletronicas/introducao.php>).

Daniel Patire

Experiência pioneira

O periódico ARBS (Annual Review of Biomedical Sciences), editado pelo professor Gilson Volpato, da FM, é o primeiro a ser disponibilizado no ambiente do software Seer. "O aparato proporcionado pelo sistema é fundamental para a visibilidade da revista", diz o editor.

A ARBS é uma revista com corpo editorial em que predominam especialistas da UNESP, mas tem participações da UFMG e Unifesp e em breve possuirá editores do Exterior. Ela é a primeira publicação científica brasileira a ser incluída na base de dados internacional Ebsco Information Services (<http://www.ebsco.com/home/brasil/>), na área Biomédica.

O endereço da ARBS é <http://arbs.biblioteca.unesp.br/>

(DP)

PALEONTOLOGIA

Rio Claro identifica dentes de dinossauro

Fósseis de animais carnívoros com cerca de 100 milhões de anos foram encontrados no Maranhão

Pesquisadores do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), câmpus de Rio Claro, identificaram, no ano passado, dois dentes que seriam de dinossauros do grupo dos velociraptorinos. As peças, de bordas serrilhadas, foram encontradas na Ilha do Cajal, município de Alcântara, no Maranhão. Eles estavam entre 72 dentes fósseis coletados em escavações feitas por especialistas da UFMA (Universidade Federal do Maranhão).

A descoberta é importante para a reconstituição do paleobiota, ou seja, do conjunto de seres que viviam no Estado do Maranhão há cerca de 100 milhões de anos. “Além disso, o estudo poderá fortalecer as evidências das relações entre as regiões Norte e Nordeste do Brasil e a do Norte africano, trazendo mais dados ao estudo da separação entre América do Sul e África”, destaca o paleontólogo Reinaldo Bertini, docente do IGCE. Bertini orientou o trabalho desenvolvido pelo biólogo Felipe Alves Elias, que participou das atividades de identificação do material colhido pela UFMA.

Os fósseis no Maranhão também incluem espécies de peixes, testudinos, crocodilomorfos e outros dinossauros. As análises do material rochoso onde eles foram encontrados mostram semelhanças com o que já foi coletado na formação Wadi Milk, do Sudão, no norte da África. “Essas coincidências indicam que as faunas locais podem ter-se

mantido durante algum tempo após a separação das placas litosféricas sul-americana e africana, que geraram os dois continentes”, destaca Elias.

Animais carnívoros

Com base em análises do paleobiota, associadas à formação rochosa da região, foi possível concluir que os dentes pertenciam a animais que viveram entre 100 milhões e 95 milhões de anos. Outros achados similares, em diferentes partes do mundo, reforçam a hipótese de que os velociraptorinos seriam dinossauros car-



Bertini: orientação



Elias: identificação

nívoros, de pequeno porte, com cerca 1,5 m de altura. “Parentes próximos das aves, eles possuíam caudas longas e rígidas, membros vigorosos, eram bípedes e tinham patas traseiras com o segundo dedo apresentando uma garra recurvada e pontiaguda”, descreve Bertini.

Entre o material encontrado em Alcân-



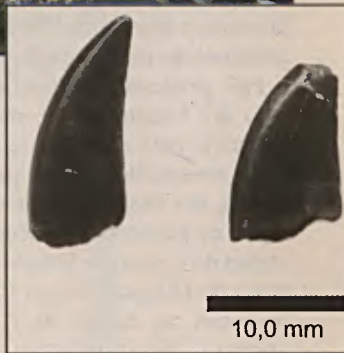
Reprodução artística dos velociraptorinos e, ao lado, os dentes encontrados: parentes próximos das aves modernas

tara, foram identificados também alguns dentes alongados e pontiagudos, atribuídos às famílias *Anhangueridae* e *Ornithocheiridae*. Criaturas voadoras, elas pertencem ao grupo dos pterossauros, parentes próximos dos dinossauros. “É a primeira vez que evidências de famílias de pterossauros são descobertas fora da Chapada do Araripe, localizada entre os Estados de Piauí, Ceará e Pernambuco”, esclarece Elias.

Pela quantidade e diversidade de fósseis, a formação rochosa maranhense é conhecida entre os paleontólogos como *bones bed* (leito de ossos). Entre 1994 e 2006, foram coletados cerca de seis mil

exemplares fósseis nessa região. “Esse tipo de ambiente é raro na América Latina”, diz Manoel Medeiros, paleontólogo da UFMA e coordenador das pesquisas no local. Como o material colhido está muito danificado, a Universidade tem promovido parcerias com algumas instituições para fazer a datação e identificação das peças, entre elas a UNESP.

Julio Zanella



QUÍMICA

CSN recebe prêmio por reciclagem de resíduos

Processo de reaproveitamento de materiais na siderúrgica foi desenvolvido em Centro do câmpus de Araraquara

A CSN (Companhia Siderúrgica Nacional) recebeu o Prêmio CNI 2006, etapa Rio de Janeiro, na categoria Desenvolvimento Sustentável, pela implantação de um processo de reciclagem dos resíduos de seus altos-fornos. As pesquisas para chegar a essa inovação foram realizadas pelo Centro Multidisciplinar para o Desenvolvimento de Materiais Cerâmicos (CMDMC), dirigido por Elson Longo, docente do Instituto de Química (IQ), câmpus de Araraquara, numa parceria com a Siderúrgica.

Os pesquisadores do CMDMC obtiveram um processo que permite recuperar o conteúdo metálico das lamas de alto-forno e dos resíduos gerados nos processos de redução e refino do aço, conhecido como aciaria. A solução, que começa a ser implantada em escala industrial, permite reciclar e reaproveitar cinco mil toneladas por mês de lama de alto-forno e 1,5 mil toneladas mensais de lama de aciaria. “Isso representa a recuperação de cerca de 70% dos resíduos gerados nos altos-fornos”, destaca Walter Luiz da Costa Reis, gerente geral de Processos Siderúrgicos da CSN.



Longo (esq.) e Reis: solução implantada em escala industrial

reintroduzidos no processo produtivo”, salienta. Os pesquisadores trabalham agora num projeto para a reciclagem dos 30% de resíduos restantes, que contêm grande quantidade de zinco.

Além de Longo e Reis, o projeto tem a participação de José Arana Varela, pró-reitor de Pesquisa da UNESP e docente do IQ; Edson Leite, pesquisador da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos); André Tarcizo de Oliveira Vieira, coordenador de Gestão de Resíduos da CSN e doutorando do Departamento de Engenharia de Materiais da UFSCar, em parceria com o IQ.

José Angelo Santilli

Elson Longo recebe título da UFPB

No dia 2 de março, o pesquisador Elson Longo recebeu o título de “Professor *Honoris Causa*”, concedido pela UFPB (Universidade Federal da Paraíba). Na sessão solene, presidida pelo reitor da UFPB, Rômulo Soares Polar, também foi inaugurado o Laboratório de Combustíveis e Materiais Dr. Elson Longo.

Construído com financiamento da Finep (Financiadora de Estudos e Projetos), Petrobrás e UFPB, o novo laboratório é coordenado pelo docente Antonio Gouveia de Souza. Após a solenidade, Longo proferiu palestra com o tema “A importância da interação entre diferentes universidades brasileiras”.

(JAS)



Rosângela recebeu honraria por conjunto da obra

HOMENAGEM

Geógrafa ganha título do Mérito Cartográfico

Especialista de Rio Claro obteve condecoração geralmente destinada a militares

A geógrafa Rosângela Doin de Almeida, docente aposentada do Instituto de Biociências (IB), câmpus de Rio Claro, recebeu o título “Ordem do Mérito Cartográfico”, grau “Cavaleiro”, concedido pela Sociedade Brasileira de Cartografia. O evento ocorreu no III Comar (Comando Aéreo Regional), no Rio de Janeiro, no dia 4 de maio.

A docente, que presta serviço no Departamento de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), recebeu a honraria pelo conjunto de sua pesquisa na área de cartografia escolar. “Fiquei muito contente, pois essa é uma condecoração geralmente dada para militares”, comenta Rosângela. “É muito raro que pessoas ligadas à educação a recebam.”

Danilo Koga

Brasil e África em busca de novas relações

O País precisa superar seu desconhecimento sobre as nações africanas, para promover o desenvolvimento econômico e cultural mútuo, segundo os especialistas reunidos numa conferência internacional realizada no câmpus de Araraquara

DANIEL PATIRE

As relações comerciais, políticas e culturais entre o Brasil e a África hoje parecem uma via de mão única. A presença brasileira é significativa em vários países africanos, em aspectos que vão da exportação de produtos e serviços até a influência de criações musicais, literárias e televisivas. No entanto, apesar da importância da contribuição da população negra para a identidade nacional, o País praticamente desconhece o que acontece do outro lado do Atlântico e se mostra fechado ao que pode ser oferecido pela economia e a cultura daquele continente.

A necessidade de se promover a aproximação com a África, em busca do mútuo desenvolvimento socioeconômico, centralizou as discussões da I Conferência Internacional do Centro de Estudos das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra (Cladin), que ocorreu de 15 a 17 de maio, na cidade de Araraquara (SP). (Leia quadro abaixo.) “Nessa primeira conferência, observamos a necessidade de aprofundarmos a troca de informações entre as nações africanas e as nossas instituições, para podermos avançar nos tratados de cooperação”, avalia o professor Dagoberto José Fonseca, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Araraquara, coordenador do Cladin e membro do Núcleo Negro da UNESP para Extensão e Pesquisa (Nupe). (Leia quadro abaixo.)

Organizada pelo Grupo de Trabalho do Nupe de Arara-

quara, a Conferência teve a participação de cientistas sociais e especialistas de letras, literatura e da área de saúde, de Brasil, Angola, Cabo Verde, Moçambique, Portugal e Caribe. Entre os participantes do Exterior estava o etnólogo Charles Moore Wedderburn, docente de Relações Internacionais e chefe de Pesquisa da Pós-Graduação da Universidade do Caribe (Jamaica) e professor convidado da Universidade Estadual da Bahia.

Em sua palestra, Wedderburn ressaltou que as relações comerciais atuais com os países africanos apresentam uma nítida assimetria, em favor do Brasil. “Os acordos feitos entre as empresas brasileiras seguem uma lógica de exploração da riqueza do subsolo da África, que não se reflete em melhorias das condições da sua população”, comenta.

Atuação das empresas

O etnólogo cita dados do Ministério das Relações Exteriores do Brasil que mostram o esforço do atual governo pela aproximação com a África. Houve abertura de embaixadas e comitivas de empresários têm visitado o continente. Essas intervenções tiveram como resultado uma maior presença de empresas brasileiras nessas nações, sobretudo nas de língua portuguesa.

Ele aponta o caso da Companhia Vale do Rio Doce, mineradora que, em 2004, venceu em Moçambique a

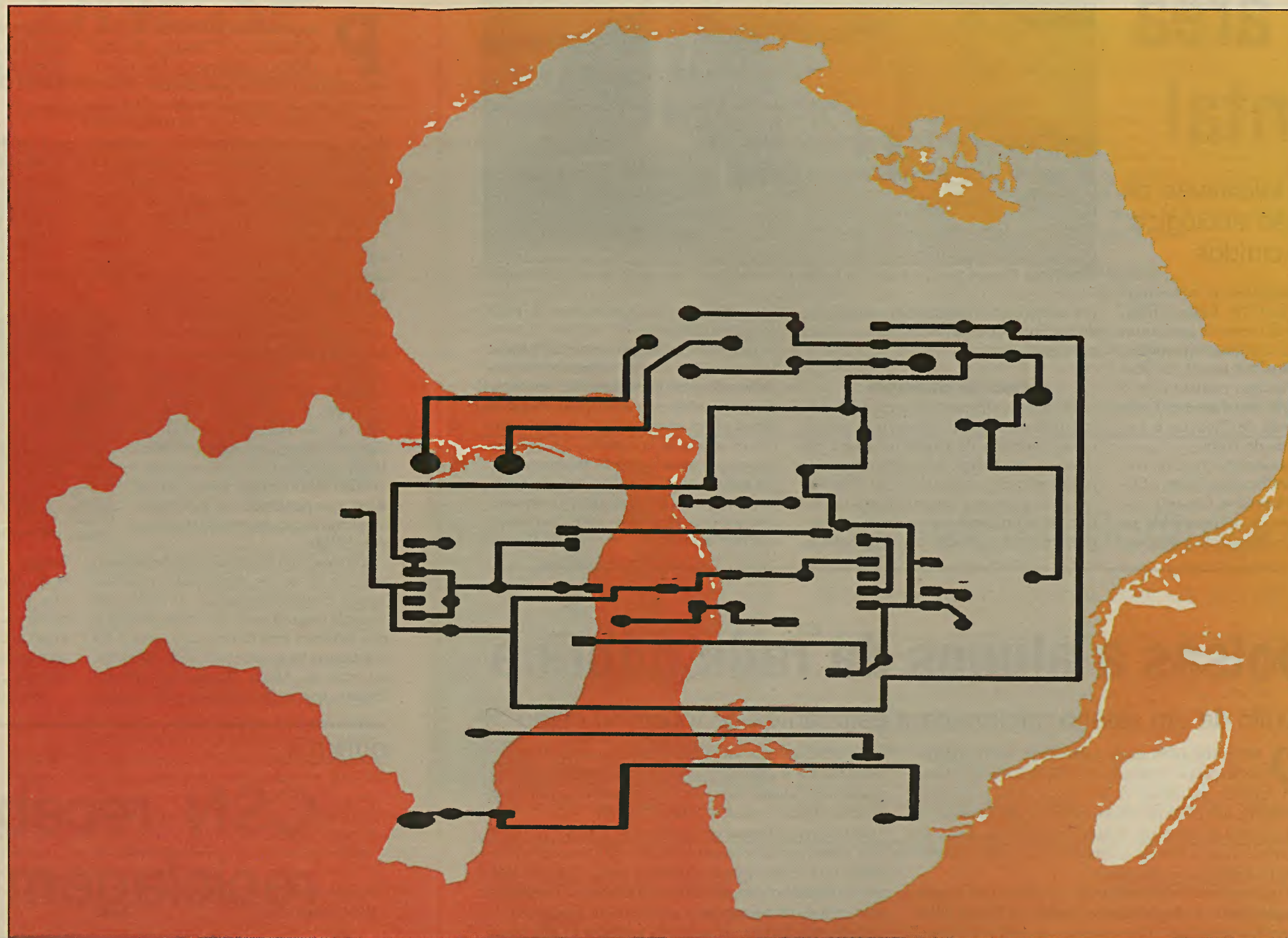


Foto: Daniel Patire e Jônio Ribeiro

Raça e sexo influem em índices de saúde

Nos últimos anos, a mortalidade de mulheres negras por problemas no parto é de seis a nove vezes maior que a de brancas. O dado foi apresentado durante a conferência internacional de Araraquara por Luis Eduardo Batista, do Núcleo de Investigação em Saúde da Mulher e da Criança, do Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. “Uma coisa é você pedir para uma mulher grávida voltar para casa de carro, quando ela possui um veículo ou pode pagar um táxi, e outra é você pedir para uma grávida voltar de ônibus para a periferia, quando ela pode sofrer ainda de hipertensão, um problema que é mais frequente entre as negras”, diz Batista, que também é integrante do Nupe.

Para ele, os dados da mortalidade no Estado, divididos por raça e sexo, demonstram como a formação da sociedade brasileira, considerada machista e racista, interfere nesses índices. A partir de informações de 1999 do Seade (Sistema Estadual de Análise de Dados), Batista verificou que, nos casos de mortalidade por doenças infecciosas, especialmente tuberculose e HIV/aids, o número de negros é duas vezes superior ao de brancos. Contudo, se o recorte for feito apenas no sexo masculino, a diferença entre as raças cai para 1,8. Já entre as mulheres, a discrepância aumenta para 2,3.

Batista, doutor em Ciências Sociais pela FCL/Araraquara, com especialização em Saúde Pública pela Faculdade de Medicina, câmpus de Botucatu, coordena a elaboração de políticas públicas de saúde para a população negra paulista. Entre os focos de atuação destacam-se a formação de profissionais de saúde para problemas comuns entre afrodescendentes, como a hipertensão e a anemia falciforme; o treinamento dos agentes de saúde; e a destinação de recursos para municípios com comunidades remanescentes de quilombolas. “Um outro ponto que exigiu atenção especial é a maior mortalidade dos negros por HIV/aids”, ressalta. “Nós começamos a treinar agentes de saúde dos municípios para trabalhar com o quesito cor.”

Para a bióloga Fernanda Lopes, assessora para HIV/aids do Fundo de Nações, órgão da ONU, cabe aos gestores de saúde encontrar mecanismos para diminuir essas distorções de raça, por meio de campanhas de conscientização.

Fernanda é também coordenadora do Programa de Combate ao Racismo Institucional, criado por uma parceria entre os governos brasileiro e britânico e o órgão das Nações Unidas. Segundo a bióloga, estudos mostram que mulheres negras não têm acesso a serviços ginecológicos ou a exames pré-natais adequados. No caso da aids, ela não descarta a hipótese de que a grande incidência da moléstia entre afrodescendentes seja uma consequência da dificuldade de acesso aos remédios que formam o coquetel contra a doença. (DP)



Centro vai discutir a diáspora negra

O Centro de Estudos das Culturas e Línguas Africanas e da Diáspora Negra (Cladin) é um projeto de pesquisa e extensão vinculado a uma proposta de ensino infantil, fundamental e médio – com prioridade aos jovens de 14 a 25 anos –, para formar futuros pesquisadores de temas relacionados à África e aos brasileiros. O Cladin terá sede no “Centro Cultural Waldemar Safiotti”, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Araraquara.

“As nossas intenções com o Centro não são apenas discutir as línguas e culturas africanas; mas, sobretudo, debater a diáspora negra, que data de muito antes dos marcos da escravidão e tráfico negreiro, no século XV”, esclarece o antropólogo Dagoberto José Fonseca, professor da FCL e coordenador do Cladin. “Trabalhamos dentro do processo de caminhada da população africana para os outros continentes, há 150 mil anos. Ou seja, pretendemos estudar a nossa própria humanidade.”

Desenvolvido pelo Grupo de Trabalho (GT) do Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão (Nupe) de Araraquara, o Centro foi criado para fazer convênios de estudos com instituições de pesquisa e ensino do Brasil e do Exterior. Nas palavras do professor, o Cladin “será o braço de articulação internacional do Nupe”. (DP)

Núcleo tem nova coordenação

Os novos membros da coordenação do Núcleo Negro da UNESP para Pesquisa e Extensão (Nupe) tomaram posse, no dia 4 de maio, na Reitoria, em São Paulo (SP). Sebastião de Souza Lemes, professor da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Araraquara, recebeu de Dagoberto José Fonseca, da mesma unidade, o cargo de coordenador-executivo da entidade.

A Vice-Coordenadoria ficou com a docente Lúcia Helena Oliveira Silva, da FCL, câmpus de Assis. A designer Marizilda dos Santos Menezes, ex-vice-coordenadora e docente da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), câmpus de Bauri, assume o cargo de coordenadora-científica do Núcleo. Segundo Fonseca, a nova coordenação, com mandato de dois anos, teve aceitação plena do conselho gestor do Nupe.

O Projeto Nupe, criado em 2000, está vinculado ao Programa UNESP de Integração Social Comunitária (Piso), da Pró-Reitoria de Extensão Universitária. O objetivo do Núcleo é desenvolver e estimular atividades de extensão e pesquisa sobre temas referentes aos negros.

Com sete anos de atividade, o Nupe mantém seis Grupos de Trabalho (GTs). Eles estão sediados nas FCLs de Assis e de Araraquara; na Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS), câmpus de Franca; na Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), câmpus de Marília; na Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT), câmpus de Presidente Prudente; e na Faculdade de Odontologia (FO), de Araraquara. “Por essa característica regional, nossa primeira ação será a realização de reuniões nas unidades que possuem GTs do Núcleo, e não mais na Reitoria”, comentou Lúcia Helena.

Saiba mais sobre o Nupe no endereço <http://www.unesp.br/proex/nupe/index.htm>

(DP)



Centro de Referência Afro, em Araraquara, parceria Nupe/prefeitura

concorrência internacional para a extração de carvão na região de Moatize. Outro exemplo citado é a Petrobrás, que estabeleceu acordos com os governos de Angola, Moçambique e de outros países do continente, para extração e beneficiamento de petróleo.

Wedderburn enfatiza que, no comércio com as nações africanas, o Brasil leva vantagem por exportar produtos manufaturados e de maior valor agregado, como veículos, por exemplo. Para o professor, o desconhecimento internacional sobre a África fortalece a ação de um grupo privilegiado, que governa o continente sem compromisso com os valores nacionais. “Com o fim do colonialismo, chegou ao poder, na maioria dos países, uma elite formada nas escolas do colonizador”, argumenta o etnólogo. “Essa mentalidade da exploração formada por séculos é a que predomina ainda hoje nesses acordos feitos.”

Congo, um paradigma

De acordo com Wedderburn, o ditador Mobutu Sese Seko, que governou a República do Congo (ex-Zaire) de 1965 a 1996, é o paradigma desses líderes que sacrificam seu próprio povo. No período em que esteve no poder, Mobutu tornou-se um dos homens mais ricos do mundo, ostentando sua fortuna com presentes a governantes das grandes potências.

Em sua apresentação, o congolês Basilele Malonalo, doutorando em Ciências Sociais pela FCL e integrante do Nupe, disse que seu país expressa as contradições do continente. Malonalo ressaltou que o Congo está entre as dez economias com maior potencial em recursos minerais, e apresentou até 5% de crescimento nos últimos anos. “Contudo, o país ocupa a posição 167 de uma lista de 177 nações classificadas pelo IDH (Índice de Desenvolvimento Humano)”, assinala.

Malonalo acredita que o desenvolvimento da África deva fazer parte de uma agenda mundial de combate à pobreza, com respeito à natureza. Para ele, o Brasil tem papel fundamental nesse processo e pode contribuir com o



Para Wedderburn, relações comerciais não beneficiam africanos

fortalecimento da democracia no continente. “O Congo passou recentemente por eleições, mas não possui ainda instituições democráticas”, afirmou. “Como construir essa democracia? Ela deve passar pela educação e ter o apoio de países como o Brasil.”

Educação e desenvolvimento

Também interessada no incremento da cooperação internacional, a bióloga Fernanda Lopes, assessora para HIV/aids do Fundo de Nações, órgão da ONU (Organização das Nações Unidas), propõe que sejam firmados acordos de transferência de tecnologia, educação e saúde: “O Brasil pode oferecer sua experiência na produção de medicamentos, principalmente de combate à aids, e na quebra de patentes de produtos de laboratórios transnacionais”, afirma. (Veja quadro nesta página.)

Já a professora de Educação Ana Bérnard da Costa, da



Fonseca destacou troca de informações entre países

Universidade de Coimbra (Portugal), enfatiza a necessidade de um olhar crítico sobre os laços que se desenvolvem entre Brasil, África e Portugal. “Eles podem mascarar interesses econômicos e outras formas de exploração dos mais fracos pelos mais fortes”, preocupa-se.

Ana faz um estudo sobre as famílias da periferia de Maputo, capital de Moçambique e o impacto do ensino superior para o desenvolvimento desses grupos e do próprio país. Ela conta que hoje há um grande número de recursos, por meio de bolsas e incentivos de órgãos internacionais, para que as famílias enviem seus filhos para estudar em universidades de Portugal. “A princípio, apoiamos a formação de profissionais em áreas e cursos que não existem nesses locais”, acentuou. “Contudo, não há nenhum indicativo do impacto dessas bolsas de estudo concedidas aos alunos africanos. Elas podem contribuir para que haja a fuga desses cérebros

da África, que criam novas expectativas e não encontram empregos”, advertiu.

Cultura e literatura

No campo cultural, a balança tende também a favorecer o Brasil. O professor de Literatura Luis Abel Cezarillo, da Universidade Eduardo Mondlane (Moçambique), explica que as rádios do país tocam muita MPB, mas não consegue ouvir músicos de sua terra em emissoras brasileiras. No evento, Cezarillo apresentou um trabalho sobre os poetas moçambicanos José João Craveirinha e Eduardo White, que sofreram influências da literatura brasileira, principalmente de Guimarães Rosa.

Para Tania Celestino Macedo, professora aposentada pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), câmpus de Marília, e membro do Nupe, a presença dos modernistas do Brasil é marcante entre os escritores africanos de língua portuguesa. “A literatura africana nasceu um pouco antes dos movimentos de libertação de seus países, antecipando uma reivindicação nacional”, esclarece. “Ela buscou nos escritores brasileiros novas formas para se afastar dos modelos do colonizador.”

Tania ressaltou que a “expansão ultramarina” da cultura brasileira parece ser ainda mais forte hoje, por causa da influência da televisão. “Em termos culturais, o carro-chefe do Brasil é a Rede Globo e suas novelas. A Rede Record, como porta-voz da Igreja Universal do Reino de Deus, também está presente nos países africanos de língua portuguesa”, afirma.

Em contrapartida, ela vê um grande desconhecimento dos brasileiros sobre a literatura africana. “Muitos imaginam, por exemplo, que o escritor angolano Mia Couto é uma senhora negra que conta histórias e, quando descobrem que ele é homem e branco, não o lêem mais”, provoca. Ela prevê, no entanto, que o atual estado de desinformação deverá pelo menos diminuir, com a entrada em vigor da Lei 10.639, de 2003. “Essa lei introduz a história e a cultura africanas no ensino do País e vai contribuir para alterar esse quadro”, afirma.

A atualidade das idéias de Wilhelm Reich

Embora seja conhecido no Brasil por livros como *A função do orgasmo*, Wilhelm Reich é autor de uma obra extensa, que se ramifica por campos que vão da Psicologia, Pedagogia e Sociologia até as Ciências Biológicas. Em 2007, quando são lembrados os 110 anos de seu nascimento e 50 anos de sua morte, diversos estudiosos assinalam a necessidade de se conhecer o trabalho do pensador alemão,

ainda pouco explorado no País. Eles apontam a coerência entre a vida de Reich e a sua produção intelectual e destacam a importância que ele atribui aos constrangimentos sociais no surgimento de distúrbios aparentemente individuais, além de enfatizar o papel da energia orgânica e da sexualidade como fontes de bem-estar e autonomia psíquica dos seres humanos.



Para intelectual, saúde é meio
para realizar projeto humano

Entrevista com João Rodrigo

Página 2

A atualidade e a magnitude
de uma obra

Sara Quenzer Matthiesen

Página 2

O pensamento funcionalista e sua
perspectiva multidisciplinar

Cláudio Mello Wagner

Página 2

Teoria da vida e teoria
do conhecimento

Ailton Bedani

Página 4

Ilustrações de Daniel Patire a partir
de imagens extraídas do site
<http://www.org2.com.br/wreich.htm>,
sob responsabilidade do psicólogo clínico
de orientação reichiama Ailton Bedani

João Rodrigo

Para intelectual, saúde é meio para realizar projeto humano



D. Delgado

Psicólogo formado pela USP, onde entrou em contato com as idéias de Wilhelm Reich, João Rodrigo apresentou na instituição dissertação de mestrado sobre a noção de caráter para o médico alemão. Lecionou em várias universidades e atualmente é professor no curso de Formação em Clínica Reichiana do Instituto Sedes Sapientiae, em São Paulo. Rodrigo, que atua também em clínica como psicanalista, acredita que Reich deixou um forte legado com seus textos, suas idéias e, principalmente, pelo vínculo entre sua vida e seu pensamento.

Oscar D'Ambrosio

Jornal UNESP: *Qual o principal legado que Reich deixa em seus 110 anos de nascimento e 50 de morte, ambos celebrados em 2007?*

Rodrigo: O grande legado de Reich é composto do conjunto de seus escritos, suas idéias e sua vida. Muitos de seus textos são complexos e resistem às simplificações, tendo a qualidade de formar o seu leitor. Cada vez que pego o livro *Análise do Caráter*, por exemplo, me surpreendo com aspectos que haviam passado ocultos em leituras anteriores. E não por ser uma leitura cifrada, mas por ser um material que trata com extrema honestidade intelectual de problemas complexos. Além disso, seus escritos possuem ainda grande pertinência e atualidade, como se espera de textos com vocação para se tornarem clássicos. Quanto às suas idéias, destaco as concepções inovadoras e criativas que ele propôs, como a noção de encorajamento do caráter e a abertura do

tro, entre alunos e pacientes, jovens que, na leitura de Reich, descobrem algo que lhes permite significar sua vida sexual de modo mais integrado e próximo ao de sua experiência emocional.

JU: *Qual é a influência de Reich no pensamento psicanalítico brasileiro?*

Rodrigo: Essa influência é pequena, no sentido de que há enorme desconhecimento das contribuições de Reich à clínica e das possíveis articulações que suas formulações poderiam ter com a Psicanálise. Pouco se conhece e discute das críticas e reflexões que Reich fez sobre a técnica psicanalítica. Pouco também se conhece sobre suas revisões das teorias das pulsões, que poderiam se articular, por exemplo, com outras formulações psicanalíticas posteriores. A temática do corpo permitiria um diálogo entre Reich e os psicanalistas que se interessaram pela corporeidade. Ainda assim, tem algo curioso na Psicanálise brasileira, que é

o fato de que vários psicanalistas atuais chegaram a essa área por intermédio de Reich, principalmente os que começaram seu percurso durante a década de 1970, quando a disseminação do pensamento reichiano era mais vigorosa no Brasil.

Reich está presente na origem de parte das abordagens psicoterapêuticas corporais

JU: *A sociedade hoje mantém algum princípio de Reich no que diz respeito ao prazer de modo geral?*

Rodrigo: Um princípio que já comparece no pensamento de Reich sobre o prazer e que parece um princípio atuante no discurso sobre o prazer na atualidade é o da busca da saúde como valor. A articulação entre o prazer e a saúde surge hoje de formas muito variadas. Era uma articulação que Reich já procurava realizar. Para ele, a busca da saúde não aparece como um fim em si, mas como um meio para permitir que uma dimensão vital e constituinte do humano possa se realizar. Assim, a partir de Reich, podemos dizer que a saúde é um meio para a realização do projeto humano, o projeto do vivo que existe no homem. Isso é muito diferente de pensar a submissão do homem à busca pela saúde como uma dominação pelo medo da morte. Afinal, o medo da morte é muito diferente da afirmação da vida.

JU: *Como Reich se faz presente na sociedade contemporânea?*

Rodrigo: Reich está na origem de parte importante das abordagens psicoterapêuticas corporais. Suas considerações técnicas, sua leitura energética da experiência, seu modelo de identidade funcional entre corpo e psiquismo, e seu modelo para pensar a relação entre os bloqueios afetivos e os bloqueios – encorajamentos – musculares são contribuições que frequentemente banham as práticas desse campo. Além disso, Reich ainda segue sendo um autor de referência para a crítica dos costumes e da educação sexual. Isso me parece valioso e até surpreendente, dadas as transformações velozes ocorridas nesse campo desde a segunda metade do século passado. Com alguma frequência, encon-

Em comparação com o que ocorre com outros autores, poucos estudiosos se dedicam a conhecer a obra de Wilhelm Reich no País. A amplitude de sua produção, as dificuldades de acesso aos originais, os problemas de muitas traduções, somados ao fato de ele ser judeu e comunista, certamente, foram alguns dos fatores responsáveis pelas dificuldades de propagação de suas idéias. Pior que isso foi o preconceito gerado em torno de algumas delas e de sua pessoa, que afastaram – e ainda afastam – muitos que poderiam dar prosseguimento às suas descobertas.

No Brasil, aquilo que se conhece de Reich parece se aproximar mais do campo clínico do que de outras de suas frentes de pesquisa. Nos centros de formação espalhados pelo Brasil afora, a discussão de suas idéias ocorre com mais nitidez, ao passo que no campo universitário isso ainda acontece de forma tímida. Não é preciso ir muito longe! Basta pensarmos em quantos de nós estudamos Reich, com o devido aprofundamento, na graduação, ou quantos de nós tivemos a oportunidade de conversar sobre Reich durante nossas vidas.

Mas não sejamos injustos a ponto de desconsiderar o aumento significativo em termos de produção, sobretudo acadêmica, nos últimos tempos. Só para que se tenha uma idéia, em 2002, o livro *Caminhos das pedras: as publicações de Wilhelm Reich em português*¹ revelava a existência de 11 dissertações de mestrado entre 1982 e 2001 e 8 teses de doutorado entre 1979 e 2001, num total de 19 produções até agosto de 2001. Alguns anos depois, em *Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich: bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento*², verificaram-se, num período mais amplo, isto é, de 1979 a setembro de 2005, 56 pesquisas (40 dissertações e 16 teses) voltadas ao pensamento reichiano.

Os resultados demonstram que, iniciados em 1979, esses trabalhos intensificaram-se a partir de 2000, sobretudo no doutorado. Assim, das três dissertações de mestrado da década de 1980, passou-se, na



A atualidade e a magnitude de uma obra

SARA QUENZER MATTHIESEN

Pensamento tem penetrado os diferentes ramos do conhecimento

década de 1990, a 13 produções, um aumento significativo que se manteve com a entrada no segundo milênio, registrando-se 23 produções. Razões para isso não faltam e vão desde a ampliação dos cursos de pós-graduação, dada a necessidade de titulação para a docência no ensino superior, até um "retorno a Reich", como um referencial passível de reflexão acerca dos problemas cotidianos, comprovando a atualidade de suas colaborações.

Em especial, no que diz respeito às produções do doutorado, nota-se que entre o primeiro trabalho defendido em 1979 e os dias atuais foram mais intensas as publicações recentes, talvez pelo próprio interesse de alguns profissionais em dar continuidade às pesquisas

desenvolvidas durante o mestrado. Assim, depois desse trabalho isolado defendido em 1979, somente nos anos de 1990 é que se inicia a produção de mais cinco teses, cujas defesas se multiplicaram com a entrada do novo milênio, chegando a dez numa única década. Portanto, em termos numéricos, houve um aumento significativo, reforçado pela qualidade, sempre constante, dos trabalhos produzidos nesse universo.

Reich, entretanto, merece mais! Merece ser incorporado aos cursos de graduação e pós-graduação das diferentes áreas; merece integrar a agenda dos eventos universitários; merece ser discutido com os educadores, dada sua importância para a educação e, mais que isso: merece respeito e seriedade na

difusão de suas idéias. Aliás, é a isso que se têm prestado as disciplinas – ainda que poucas – ministradas na graduação e na pós-graduação³. Os vários livros que têm sido publicados e as produções acadêmicas aqui analisadas nos permitem reafirmar que houve um aumento no interesse por Reich nos últimos anos. Isso talvez ocorra pela necessidade de se registrar formalmente aquilo que se fazia empiricamente, pela exigência de uma sistematização do pensamento reichiano a partir de diferentes perspectivas, ou por ele ser uma referência ímpar no trato de temas hoje tão *à flor da pele*, como é o caso da sexualidade, do corpo e do movimento.

Aliás, as produções acadêmicas confirmam a atualidade e a magnitude de seu pensamento, fazendo-o presente não apenas em programas de pós-graduação de universidades particulares, mas também de universidades públicas; não apenas em programas de pós-graduação em Psicologia, mas em Educação, Ciências da Comunicação, Artes, Música, Ciência Política, Ciências Sociais, Sexologia, Educação Física, História das Ciências, entre outros campos, explicitando suas contribuições para diferentes áreas do conhecimento.

Assim como ele próprio o fizera, poderíamos dizer que seu pensamento tem penetrado – ainda que não com a amplitude que merece – os diferentes ramos do conhecimento, comprovando, na atualidade, a atualidade de suas idéias.

1 MATTHIESEN, S. Q. *Caminhos das pedras: as publicações de Wilhelm Reich em português*. Rio Claro: Majograf, 2002.

2 MATTHIESEN, S. Q. *Organização bibliográfica da obra de Wilhelm Reich: bases para o aprofundamento em diferentes áreas do conhecimento*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2007. (No prelo.)

3 O Programa de Pós-graduação em Ciências da Motricidade da UNESP-Rio Claro oferece a disciplina: Criança, Corpo e Educação: Contribuições Reichianas para a Educação Física.

Sara Quenzer Matthiesen é docente do Instituto de Biociências do câmpus de Rio Claro. Tem experiência na área de Educação Física, com ênfase em Educação Física Escolar. Atua principalmente nos seguintes temas: Wilhelm Reich, educação de crianças, pedagogia econômico-sexual, pensamento reichiano e Psicanálise.

O pensamento funcionalista e sua perspectiva multidisciplinar

CLÁUDIO MELLO WAGNER

Tomemos um exemplo prático. Um pediatra, diante de um bebê subnutrido, não receitaria imediatamente complementos alimentares. Isto é, não atuaria imediatamente sobre o sintoma, eliminando assim a angústia causada pela situação. Procuraria primeiramente perceber a própria angústia, ocasionada pelo sofrimento familiar (bebê e pais), para compreender as causas da subnutrição. Investigaria a relação mãe-bebê (quantidade e qualidade da relação, amamentação, cuidados etc.), a relação do casal entre si e com o bebê, assim como procuraria investigar possíveis pressões de ordem socioeconômica (ansiedade no desmame para a volta ao trabalho, preocupações estéticas com os seios etc.).

Seguindo a proposta do pensamento funcional, onde todos os eventos estão interligados e se interinfluenciam, poderíamos pensar o exemplo acima da seguinte maneira: o bebê é o ponto central. Seu funcionamento (pulsão, respiração, calor, alimentação etc.) está diretamente relacionado à mãe, representada por

um círculo que o envolve. A família (pai, irmãos, avós) forma um círculo maior que envolve a mãe e o bebê. Um círculo ainda maior, representando a cultura e os processos sociais, envolve os círculos anteriores. De forma esquemática, a exigência do desmame para a volta ao trabalho pode causar ansiedade na família e na mãe e ser passada ao bebê, que não consegue mamar suficientemente bem. A subnutrição (como efeito da sequência de ansiedades) pode, por sua vez, aumentar a ansiedade da mãe, desorganizar a dinâmica do casal e da família, e interferir na qualidade do trabalho e da vida social.

Perceber e reconhecer esses encadeamentos é o primeiro passo para compreender que muitos distúrbios de funcionamento (físicos e psíquicos) não são simples questões individuais. São manifestações de conflitos e contradições socioculturais, que se corporificam nos sujeitos. Tratar das causas e não dos efeitos é a proposta utópica do pensamento funcional reichiano. Uma utopia, porém, simples e possível, onde a

Política, a Economia e a Sociologia possam propor (segundo o exemplo acima) medidas que protejam e ampliem a licença-maternidade. Onde a Medicina, o Serviço Social e a Psicologia possam atuar no planejamento familiar, preparação para o parto e acompanhamento posterior. E onde a Pedagogia possa dar continuidade ao processo de formação e desenvolvimento da cidadania.

A possibilidade de integração das diferentes especialidades, a perspectiva de uma multidisciplinaridade a partir do pensamento funcional reichiano é possível e viável quando cada especialidade partilha com as outras o *princípio comum de funcionamento*, segundo o qual todo organismo vivo tem uma pulsão própria, que deve ser promovida e protegida. Seja esse organismo um bebê, uma família, classe escolar, equipe esportiva, organização de trabalho ou a sociedade como um todo.

Cláudio Mello Wagner é psicólogo, doutor em Psicologia Clínica, psicoterapeuta reichiano, professor da Fonte (Formação Neo-reichiana de Terapeutas) e integrante do Movimento R76: Ação e Prevenção em Saúde Psicocorporal.

Todo organismo vivo tem uma pulsação própria que deve ser promovida



Pintura feita por Wilhelm Reich

Teoria da vida e teoria do conhecimento

AILTON BEDANI

Ao longo de sua obra, Wilhelm Reich (1897-1957) estabeleceu interfaces com várias áreas do conhecimento: Sexologia, Psicanálise, Epistemologia, Pedagogia, Sociologia, Biologia, Física, Meteorologia. Mais do que um adepto do ecletismo, ele se dedicou a investigar, em diversos campos, as manifestações de um singular processo energético: "Devotei-me ao campo da Psiquiatria como um cientista natural. Esse interesse foi ditado, em primeiro lugar, pela questão da energia. Já era assim em 1919".¹

Em 1919, quando cursava Medicina na Universidade de Viena, Reich deu início às suas pesquisas. A "energética" e os fundamentos epistemológicos da produção científica inauguraram sua obra e nortearam toda sua produção. O universitário suspeitava "que a energia funciona ANTES de qualquer massa; que não é a matéria, mas, sim, a energia que é primária; que a massa precisa ser derivada, de alguma forma, da energia".²

Apaixonado, também, por Biologia, ele colocava a intrigante questão: "O que é a vida?". Identificou-se com concepções filosóficas que se recusavam a assemelhar o funcionamento do vivo ao das máquinas e simpatizou com teorias sobre uma energia biológica específica; acreditava, no entanto, que tais formulações precisavam alcançar *status* científico-natural. Convicto de que a elaboração científica é indissociável da crítica epistemológica, ele adotou uma diretriz professada pelo filósofo Henri Bergson: teoria da vida e teoria do conhecimento são "inseparáveis uma da outra".³

Aceito, em 1920, como membro da Sociedade Psicanalítica, Reich, por quatorze anos, procurou extrair consequências teóricas, clínicas, pedagógicas e políticas da teoria freudiana da libido. Empreendendo, no âmbito da psicanálise, uma série de pesquisas originais, ele elaborou, entre 1922 e 1926, a teoria da "potência orgástica", o eixo de sua obra: "Potência orgástica é a capacidade de se entregar ao fluxo da energia biológica, sem quaisquer inibições; a capacidade de descarregar completamente, por meio de convulsões involuntárias e prazerosas do corpo, a excitação sexual acumulada".⁴

Entre 1927 e 1934, Reich desenvolveu uma nova metodologia terapêutica (a Análise do Caráter). Apoiando-se na concepção freudiana de sexualidade, na noção de potência orgástica e no materialismo dialético de Marx e Engels, o autor agregou esse arsenal teórico-epistemológico a um convívio intenso com a população desfavorecida. Em Viena (1927-1930) e depois em Berlim (1930-1933), ele se esforçou em demonstrar, por meio de publicações e amplo trabalho social, que política e sexualidade são mutuamente dependentes.

Ainda são poucos os estudos que procederam uma reavaliação da obra de Reich

Expulso, em 1933, do Partido Comunista e excluído, no ano seguinte, da Sociedade Psicanalítica, Reich, ameaçado pelo nazismo, acabou se exilando, em 1934, na Noruega, onde sua pesquisa pôde alcançar dimensão laboratorial. No campo da Biofísica, o autor investigou o "comportamento" de correntes bioelétricas coligadas aos estados emocionais do indivíduo; na área da Biogênese, identificou vesículas que expressam estágios intermediários entre o inorgânico e o orgânico.

Além de ampliar sua metodologia terapêutica (em 1935 surge a Vegetoterapia Carácter-Analítica) e aprimorar seus estudos sobre a lógica que rege o funcionamento do vivo, Reich detectou, em 1939, uma energia que atua em estratos biológicos profundos. Em seguida, seus experimentos levaram-no a crer que aquela singular energia fazia-se presente, também, na atmosfera. Nomeou, então, essa força básica como "energia orgone cósmica" e fundou um novo ramo de pesquisas, a Orgonomia.

Nos EUA a partir de 1939, Reich dedicou-se a realizar criteriosos experimentos e descrever as manifestações da energia orgone nos domínios do vivo e do não-vivo, no micro e macrocosmo; preo-

cupou-se, igualmente, em mapear a dinâmica dos fenômenos orgonóticos e em integrar Orgonomia e Matemática. Suas pesquisas conduziram-no a áreas tão distintas como a Oncologia e a Meteorologia, posto que certas disfunções da energia orgone podem ser observadas, segundo o autor, tanto no câncer quanto nos processos de desertificação do planeta. Embrenhando-se em diversos campos (Física-Orgone, Biofísica-Orgone, Orgonoterapia, Pedagogia Orgonômica, Orgonometria), continuou, no entanto, denunciando os sistemas ideológicos que negam a vida e anestesiam as capacidades críticas e as forças emocionais-sexuais.

Monitorado pelo *Federal Bureau of Investigation* e, desde o final da década de 1940, vítima de calúnias na imprensa e em revistas científicas, Reich passou a ser investigado, também, pela *Food and Drug Administration*. Nos anos 1950, acompanhou de perto a paranóica era macartista, além de se ver envolvido em um intrincado processo judicial, que resultou em sua prisão em 1957. Nesse mesmo ano ele faleceu, em um presídio.

Meio século após a morte de Reich, ainda são poucos os estudos que procederam a uma reavaliação criteriosa de sua obra. Esse fato chama atenção, pois a pesquisa reichiana oferece ferramentas ímpares para refletirmos sobre nossa explosiva crise social e seus concomitantes problemas éticos e ecológicos.

1 REICH, W. "Man's roots in nature". *Orgonomic Functionalism: a journal devoted to the work of Wilhelm Reich*. Rangeley, Maine, v. 2, 1990.

2 REICH, W. "Orgonomic functionalism in non-living nature". *Orgonomic Functionalism: a journal devoted to the work of Wilhelm Reich*. Rangeley, Maine, v. 6, 1996.

3 BERGSON, H. "L'évolution créatrice". In: *Henri Bergson - Oeuvres*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

4 REICH, W. *The function of the orgasm*. Volume 1 of the discovery of the orgone - Sex-economic problems of biological energy. Great Britain: Condor Book, 1989.

Ailton Bedani é psicólogo clínico de orientação reichiana, mestrando no Instituto de Psicologia da USP, coordenador pedagógico do Programa de Formação em Abordagem Clínica Reichiana e gerenciador do Espaço ORG2 - Orgonomia & Orgonoterapia (www.org2.com.br).

RELAÇÕES EXTERNAS

Canadá propõe convênio na área socioambiental

Especialistas conheceram algumas iniciativas da UNESP que relacionam preocupação ecológica e colaboração com setores excluídos

Na última semana de abril, dois pesquisadores da Universidade de Toronto, no Canadá, visitaram a Reitoria e diversas unidades da UNESP. O canadense Roger Hansell e o indiano Biswajit Ganguly vieram conhecer projetos, além de estudar a possibilidade de convênios entre as duas instituições. Ambos são diretores do Instituto de Paz no Meio Ambiente (Noble Institution for Environmental Peace – Niep), que realiza pesquisas para obter equilíbrio entre os aspectos humanos e ecológicos da questão ambiental.

O Niep já estabeleceu convênios com instituições de EUA, Índia, China, Tailândia, Afeganistão, Venezuela, Colômbia, Rússia, Ucrânia, Alemanha, Áustria e Inglaterra. No Brasil, os pesquisadores entraram em contato com a UNESP, por meio da docente Éster Rojas, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL), câmpus de Assis.

Com apoio da assessora-chefe da Assessoria de Relações Externas (Arex), Elisabeth Urbinati, Hansell e Ganguly conheceram pesquisas da Universidade na área ambiental. No câmpus de Ourinhos,



Objetivo de Ganguly (esq.) e Hansell é reduzir violência urbana com apoio de ações ambientais

por exemplo, visitaram uma cooperativa de catadores de material reciclável, criada por alguns docentes.

Busca de integração

“O conceito da paz ambiental foi criado com base em várias pesquisas que relacionam o aumento da violência urbana em cidades e regiões que apresentam crescente deterioração ecológica”, diz Hansell. “A idéia é integrar pesquisadores de várias partes do mundo, cujos projetos contribuam com a preservação ambiental e,

conseqüentemente, promovam a paz”, completa Ganguly.

Em reunião com o pró-reitor de Pesquisa, José Arana Varela, eles solicitaram a indicação de um grupo interdisciplinar, para participar de *workshops* a serem promovidos em vários países este ano. “A intenção é promover maior entendimento de questões como aquecimento global e biodiversidade, por meio de cursos relacionados ao planejamento e desenvolvimento de novas tecnologias que podem prevenir desastres ecológicos”, diz Ganguly.

Julio Zanella

GRADUAÇÃO

UNESP concede bolsas a alunos da rede pública

Programa de inclusão garante auxílio de um salário mínimo para estudantes ao longo do curso



O reitor Macari entre jovens beneficiados pela proposta

O reitor Marcos Macari e o diretor-presidente da Fundação para o Vestibular da UNESP (Vunesp) Benedito Antunes assinaram, no dia 26 de abril, o termo de outorga da concessão de bolsas de estudo para 12 alunos da rede pública de ensino do Estado de São Paulo. O evento ocorreu durante a reunião ordinária do Conselho Universitário na Reitoria, em São Paulo.

Os estudantes participaram da 12ª edição do Programa para Inclusão dos Melhores Alunos da Escola Pública na Universidade. Eles tiveram as quatro melhores posições entre os matriculados em cada uma das três áreas de conhecimento – Ciências Biológicas, Ciências Exatas e Humanidades.

“As bolsas oferecidas são uma oportunidade conquista-

da pelo mérito. Não têm caráter assistencialista. A universidade também ganha com essa iniciativa ao ter, entre seus graduandos, alunos que conquistaram sua vaga com reconhecido talento e esforço”, afirma Macari.

O Programa, firmado em parceria da UNESP, por meio da Vunesp, com a Secretaria de Educação, concede a isenção da taxa de inscrição do vestibular para 21.580 candidatos. As bolsas no valor de um salário mínimo se estenderão pelo período de permanência nos cursos de graduação.

A cerimônia teve a presença da professora Célia Maria Rocha, representante da Secretaria da Educação do Estado, e dos diretores das escolas de origem dos alunos contemplados, além dos familiares dos estudantes.

Daniel Patire

LEITURA DINÂMICA

MARKETING FARMACÊUTICO

A All Pharma Júnior-Consultoria Farmacêutica, empresa júnior ligada à Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF), câmpus de Araraquara, realizou, no dia 27 de maio, o curso Marketing Farmacêutico – Diferenciação Pessoal e Profissional. Quem ministrou o curso foi um ex-aluno da instituição, Fernando Italiani, que fez pós-graduação em Administração de Marketing e mestrado em Farmacoeconomia pela USP. “O marketing farmacêutico vem crescendo muito nos últimos anos e é cada vez mais importante que os alunos possuam informações sobre o setor”, disse Diego da Silva Asnar, gerente de marketing da All Pharma Júnior e membro da comissão organizadora do evento. (José André Ferreira de Castro, bolsista UNESP/Universia/FCF/Araraquara)

APROVAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO

O ingresso em programas de pós-graduação de 21% dos alunos graduados no curso de Ciências Biológicas com habilitações em Biologia Marinha e Gerenciamento Costeiro, ministrado no Câmpus do Litoral Paulista, em São Vicente, foi avaliado pelos docentes da unidade como excelente. “Esse dado mostra que ministramos um curso de alta qualidade”, afirma a coordenadora do curso, Selma Dzimidis Rodrigues. “Foram aprovações em programas *stricto sensu*, em instituições públicas de ensino superior de excelente conceito, como USP, Unicamp, UNESP, Universidade Federal Fluminense e Instituto de Pesca de São Paulo”, afirma. (Felipe Augusto Zanusso Souza, bolsista UNESP/Universia/CLP/São Vicente)

PROJETO PERSPECTIVA

Foram retomadas em 9 de maio, no câmpus de Bauru, com apresentações de balé clássico e contemporâneo, as atividades do Projeto Perspectiva, iniciativa da Faculdade de Engenharia (FE) de criação de um espaço para manifestações artísticas. O projeto, criado pela unidade em 1993, com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão Universitária (Proex), promove debates e intervenções culturais que englobam a comunidade da cidade. As ativida-

des acontecem na cantina ou na praça de eventos do câmpus, às quartas-feiras, às 12 h e 18 h. “Nosso intuito ao retomar o projeto é explorar os mais diversos estilos de arte possíveis”, afirma Jorge Guilherme Cerigatto, um dos coordenadores do projeto. (Aline Patrícia Machado, bolsista UNESP/Universia/FE/Bauru)

LÍNGUA JAPONESA

Estão abertas as inscrições para o XVIII Encontro Nacional de Professores Universitários de Língua, Literatura e Cultura Japonesa e o V Congresso Internacional de Estudos Japoneses no Brasil, a ser realizado nos dias 30 e 31 de agosto, na Faculdade de Ciências e Letras, câmpus de Assis. Para apresentação de trabalhos, o prazo de inscrições se encerra dia 18 de junho. O tema escolhido é Centenário da Imigração Japonesa no Brasil – Faces e Fases dos Estudos Japoneses. “O evento é um fórum de debates e intercâmbio onde se reúnem anualmente os especialistas em estudos japoneses do Brasil”, explica a coordenadora Neide Hissae Nagae. Informações: (18) 3302-5876/ 5873; encontrojapones2007@assis.unesp.br e http://www.fundepe.com (Emanuel Ângelo Nascimento, bolsista UNESP/Universia/FCL/Assis)

CINQUENTENÁRIO

A *Sinfonia para o Ibilce*, um concerto com os corais da UNESP de São José do Rio Preto e Ilha Solteira e da Famerp (Faculdade de Medicina de São José do Rio Preto) fechou o mês de comemorações do cinquentenário do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce). A apresentação, na noite de 11 de maio, em frente ao prédio principal do Instituto, reuniu cerca de 450 pessoas. Além dos três corais, regidos por Zuleica de Carvalho Moreira, a Sinfonia teve a participação de seis instrumentistas e do Conjunto de Cordas do Ibilce, coordenado pelo docente Waldemar Spindola Sanches. “Fechamos os 50 anos do Ibilce na maior elevação de espírito”, disse o presidente da comissão organizadora das comemorações, Carlos Roberto Ceron. (Ligy Aliberti Barbosa da Silva, bolsista UNESP/Universia/Ibilce/São José do Rio Preto)

ODONTOLOGIA

O Programa de Extensão Universitária – Atendimento Odontológico no Pré e Pós-Natal, da Faculdade de Odontologia (FO),

câmpus de Araraquara, completou 11 anos de existência em abril. Mantida pela disciplina Odontologia Preventiva e Sanitária, sob coordenação do docente Aylton Valsecki Júnior, a clínica oferece a gestantes e lactantes consultas para controle emergencial, controle do risco de doenças bucais e educação em saúde. “A avaliação do risco durante o atendimento às gestantes e lactantes e seu posterior controle evita processos de transmissão de focos patogênicos ao bebê, nos casos de lactantes, e permite maior qualidade no processo gestacional, no caso de gestantes”, informa o coordenador. (Ana Elisa Plácido Moya, bolsista UNESP/Universia/FO/Araraquara)

SEMANA DE RÁDIO E TV

A participação do público na II Semana de Rádio e TV da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac) do câmpus de Bauru, entre 8 e 10 de maio, foi 50% superior à de 2006. “As oficinas estiveram lotadas e o evento contou com mais de 100 inscritos”, afirma um dos coordenadores da Semana, o docente Marcos Américo. Ele atribuiu o sucesso à presença de pessoas de expressão para ministrar as oficinas e também à realização de *workshops*, além das palestras. O professor destaca ainda a participação de alunos de Desenho Industrial e Jornalismo, que perceberam a importância do audiovisual em seus cursos, e a atuação da Empresa Júnior de Relações Públicas na divulgação e organização do evento. (Luana Nascimento de Almeida, bolsista UNESP/Universia/Faac/Bauru)

AGRISHOW

Cerca de 40 alunos do curso de Agronomia do câmpus de Registro visitaram, dia 4 de maio, a Agrishow (Feira Internacional de Tecnologia em Ação), em Ribeirão Preto. A visita foi coordenada pelo docente Écio Hiroyoshi Yano, que ministra disciplinas relacionadas ao uso de tratores e implementos nas atividades agropecuárias. Na feira, os alunos observaram o maquinário exposto, além de participar de demonstrações de campo. “A visita foi de extrema relevância para a nossa carreira, pois tivemos a oportunidade de conhecer o maquinário existente das diversas empresas de tratores e implementos agrícolas, assim como seu funcionamento no campo”, conta a aluna Kátia Tomie Hayakawa. (Everton Pires Soliman, bolsista UNESP/Universia/Registro)

DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

Web-rádio exibe produção acadêmica

Proposta de programas da UNESP Virtual é criar pólo educacional com difusão de novos conhecimentos



A produção científica de docentes e pesquisadores da Universidade é apresentada ao público pelo programa *Fazer Ciência*, transmitido via internet pela web-rádio UNESP Virtual. Com entrevistas e reportagens, a estudante Ana Carolina Almeida, do curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (Faac), campus de Bauru, divulga os novos conhecimentos produzidos pela UNESP em todo o Estado.

Para o professor e jornalista Antônio Francisco Magnoni, que dirige o programa, o meio virtual permite difundir as pesquisas na própria Universidade, integrando as unidades. Mas não é só o *Fazer Ciência* que promove a divulga-

ção científica na web-rádio. Os demais programas jornalísticos, como *Notícias do câmpus*, *Diário Virtual* e *Repórter UNESP*, também difundem os novos conhecimentos. "A Universidade gera continuamente novas informações, por meio de suas pesquisas e até nos processos de ensino e de extensão", explica o jornalista. "Ao noticiarmos o dia-a-dia da UNESP, difundimos ciência, e a rádio ganha a característica de um pólo de educação."

Laboratório no ar

A UNESP Virtual integra o Programa Permanente de Divulgação da Ciência na UNESP, ou Ciência na UNESP, ligado à Vice-Reitoria. "Com o apoio do Programa, podemos ampliar o laboratório e constituir uma rede de computadores com um servidor, para a produção da rádio", diz Magnoni.

Reunindo cerca de 100 alunos dos cursos de Jornalismo,

Rádio e TV, Relações Públicas, além de professores e técnicos, a rádio virtual tem uma programação variada, feita pelos núcleos jornalístico, artístico e esportivo, com 44 atrações, veiculadas 24 horas por dia. A intenção do projeto é ser um laboratório de preparação profissional e também de pesquisa de tecnologias, formas e linguagens jornalísticas e artísticas para a formação do profissional de rádio.

A web-rádio se insere em um projeto maior, o Portal Mundo Digital, voltado para a pesquisa de conteúdos digitais. Hospedado na Incubadora Virtual de Conteúdos Digitais da Fapesp, o Portal, coordenado por Magnoni, agrega, além da UNESP Virtual, o repositório de vídeos web-TV, o web-jornal, e o Grupo de Tecnologias de Animação (Gruta).

O endereço do Portal Mundo Digital é www.radiovirtual.unesp.br

Daniel Patire



PEDAGOGIA

Jogo expõe Botânica para ensino médio

Material composto por cem cartas ilustradas facilita ação do professor

Flávia Bonamin, licenciada em Ciências Biológicas pelo Instituto de Biociências (IB), câmpus de Botucatu, apresentou como trabalho de conclusão de curso um jogo pedagógico sobre Botânica no ensino médio. A pesquisa foi orientada pela bióloga Carmen Sílvia Fernandes Boaro, do Departamento de Botânica.

O material possui cem cartas com per-

guntas e respostas, a maioria delas ilustrada. Segundo Flávia, o jogo oferece variadas condições de uso, o que facilita o trabalho em sala de aula. "O material também pode ser associado a outras atividades", diz.

O jogo privilegia informações sobre Botânica Geral, com ênfase em fisiologia de plantas. "O material favorece a interação entre alunos e professores, estimulando

o raciocínio e a argumentação", explica Flávia. Para a co-orientadora do estudo, a docente Miriam Celi Pimentel Foresti, a iniciativa representa uma contribuição da Universidade para a rede pública de ensino.

Os interessados no jogo podem solicitá-lo pelo telefone (14) 3811-6232 ou pelo e-mail flakalose@yahoo.com.br

Adriana Donini Assessoria de Comunicação e Imprensa do IB



Criação de Flávia tem aplicação versátil

Divulgação

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

Nova diretoria de Instituto toma posse

Gestão quer consolidar cursos de Pedagogia, Física Biológica e Química Ambiental

No dia 25 de maio, os docentes Carlos Roberto Ceron e Vanildo Luiz Del Bianchi foram empossados como diretor e vice, respectivamente, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), câmpus de São José do Rio Preto. Ceron substituiu Johnny Rizzieri Olivieri, em cuja gestão foi vice-diretor. A cerimônia de posse ocorreu no Auditório A do Instituto, para um mandato de quatro anos.

Ceron afirma que a prioridade de sua gestão será a consolidação dos cursos novos, principalmente o de Pedagogia, além de Física Biológica e Química Ambiental, implantados em 2001. O diretor destaca, ainda, a importância de sua experiência como vice-diretor para o novo mandato: "A administração passada do Ibilce foi feita de forma compartilhada, o que me habilita a assumir, agora, a direção do Instituto", declara.

O diretor eleito é graduado em Ciências Biológicas e mestre em Biologia Molecular pela Universidade de Brasília. Douto-



Experiência ajudará recém-empossados a dirigir Ibilce

Elisena Assumpção

rou-se em Genética pela Universidade de São Paulo e fez o pós-doutorado na Universidade do Arizona (EUA).

Del Bianchi é bacharel em Engenharia Química e Ciências Sociais, além de mestre em Engenharia de Alimentos pela Universidade Estadual de Campinas. Fez doutorado na área de Energia na Agricultura pela UNESP.

Ligya Aliberti Barbosa da Silva Bolsista UNESP/Universia/Ibilce/São José do Rio Preto

EXTENSÃO

Unati tem cinco novos núcleos este ano

Programa iniciou atividades em Jaboticabal, Dracena, Rosana, São Vicente e Sorocaba

Em 2007, a Universidade Aberta à Terceira Idade (Unati) da UNESP, programa institucional da Pró-Reitoria de Extensão Universitária (Proex), recebeu o reforço de cinco novos núcleos. Eles foram implantados na Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV), câmpus de Jaboticabal, e nos câmpus de Dracena, Rosana, São Vicente e Sorocaba.

"Somamos agora 20 núcleos do projeto de inclusão social, que integra o idoso pela vivência com o meio acadêmico", assinala Maria Cândida Soares Del Masso coordenadora do Núcleo Central da Unati e vice-diretora da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), câmpus de Marília. O anúncio dos novos núcleos foi feito por Maria Cândida durante reunião de coordenadores do programa, no dia 2 de março, no prédio da Reitoria.

Na reunião, os coordenadores debateram o calendário de atividades organizadas pelo Núcleo Central, como a Exposi-



Reunião de representantes dos núcleos na Reitoria

ção de Arte Itinerante, que acontece desde 2005, e a realização do V Seminário UNESP-Unati.

Em 2006, a Unati atendeu cerca de quatro mil alunos em cursos de línguas estrangeiras, inclusão digital e atividades físicas e artísticas, como aulas de ioga, dança de salão e canto coral. "Com os novos núcleos, pretendemos ter mais de cinco mil alunos matriculados em nossas atividades", diz a coordenadora. (DP)



SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

50 anos de história



Publicado durante as atividades comemorativas dos 50 anos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce), este livro registra a história da unidade e dos docentes e servidores técnico-administrativos que trabalharam nele. A ideia da obra começou, em 2003, no início da gestão do então diretor Johnny

Rizzieri Olivieri e de seu vice, Carlos Roberto Ceron, atual diretor. “O objetivo principal do livro é homenagear as pessoas responsáveis pelo que o Ibilce é hoje e registrar a passagem delas por aqui”, afirma Ceron, coordenador da publicação. O projeto desenvolveu 298 textos referentes a docentes e 299 relativos a funcionários, entre colaboradores que estão na ativa e aposentados. “Apesar do nosso empenho, não foi possível contemplar a história de todos, principalmente de pessoas falecidas e aposentadas”, explica Ligya Aliberti, aluna do curso de Letras e responsável pela organização do material. O livro apresenta também um breve histórico cronológico do Instituto. A obra traz ainda entrevistas com 14 ex-diretores do Ibilce. “É interessante conhecer o que pensam os docentes que, por quatro anos, ditaram as regras no Instituto”, afirma Ligya, que realizou as entrevistas.



Ibilce 50 anos: histórias e memórias de sua gente – Carlos Roberto Ceron (coordenação) e Ligya Aliberti (organização); THS Arantes Editora; 344 páginas. Informações: (17) 3221-2200.

ENVELHECIMENTO

Diferentes perspectivas

Compreender e aceitar o envelhecimento é um grande desafio. Neste livro, organizado por Maria Alves de Toledo Bruns, da Unicamp, e Maria Cândida Soares Del-Masso, coordenadora do Núcleo Central UNESP – Universidade da Terceira Idade e docente do câmpus de Marília, são discutidos temas como o corpo em transformação, o desejo e o significado do envelhecimento. A obra mostra que, levando em conta a maior longevidade da população, é necessária uma preocupação com a qualidade de vida do idoso e de seus familiares. Questões delicadas, como melancolia, angústia, mau humor e depressão perante as marcas e cicatrizes que denunciam a passagem do tempo, são essenciais. Os textos mostram como



Paisagem bucólica, Heinrich Compardok

compreender a própria trajetória existencial, na qual no presente, erguido a partir das experiências passadas, pode ser construído um futuro em que o envelhecimento não seja visto como uma dificuldade a ser vencida, mas como um importante instante de transformação. “As reflexões e estudos aqui apresentados visam contribuir para uma melhor compreensão do envelhecimento humano”, afirma Maria Cândida.



Envelhecimento humano: diferentes perspectivas – Maria Alves de Toledo Bruns e Maria Cândida Soares Del-Masso; Alínea Editora; 170 páginas; R\$ 28,00. Informações: (19) 3232-9340/2319 ou www.atomoealinea.com.br

ATLETISMO

Teoria e prática

Elaborado por Sara Quenzer Matthiesen, docente do Departamento de Educação Física do Instituto de Biociências, câmpus de Rio Claro, este livro estuda a prática e a teoria do Atletismo. Enfoca as dimensões educacionais do esporte, com sua aplicação em diferentes programas de atividades físicas. Engloba informações sobre marcha atlética, corridas, saltos, arremesso e lançamentos, além de provas combinadas. Há dados sobre as diferentes possibilidades de competições e eventos e atividades a serem realizadas dentro ou fora da sala de aula. “O atletismo tem um importante papel na formação da criança em qualquer faixa etária”, diz a autora. “Creio que esta obra



Nedilja Ipe

pode levar um incentivo aos profissionais de Educação Física, demonstrando como o atletismo pode ser trabalhado por meio de jogos pré-desportivos ou de atividades mais técnicas, aglutinando ao seu redor um grande número de praticantes.” O livro integra a coleção Educação Física no Ensino Superior, que permite ampliar e aprofundar as discussões na área, em suas várias dimensões, com a maioria das obras escritas por docentes do Departamento de Educação Física da UNESP.

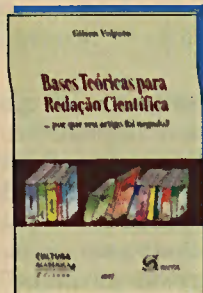


Atletismo: teoria e prática – Sara Quenzer Matthiesen, Série Educação Física no Ensino Superior; Guanabara Koogan; 224 páginas; R\$ 45,00. Informações: (21) 3970-9480; gbk@editoraguanabara.com.br e www.editoraguanabara.com.br

REDAÇÃO CIENTÍFICA

Prática na escrita

Prefaciado por Verônica Coelho, médica pesquisadora do Instituto do Coração da Faculdade de Medicina da USP, este livro trata a redação científica mesclando outras ciências como Filosofia e Sociologia. Aborda as principais questões teóricas subjacentes à construção de um texto científico, seja um artigo, uma monografia, uma dissertação ou uma tese. O biólogo Gilson Volpato, Departamento de Fisiologia do Instituto de Biociências, câmpus de Botucatu, acredita que erros conceituais são os principais responsáveis pela negação de artigos em periódicos internacionais de boa qualidade. A redação científica é tratada visando não apenas a publicação, mas a aceitação do texto pela própria comunidade científica da área. “Discuto conceitos sobre as bases da ciência moderna, a criação de ideias, a lógica da pesquisa, a estrutura do experimento e a comunicação científica”, diz o autor, editor do periódico científico *ARBS (Annual Review of Biomedical Sciences)*, ex-presidente do Conselho de Editores Científicos da UNESP e ministrante de dezenas de cursos e palestras sobre Redação Científica em várias instituições de pesquisa do Brasil.



Bases teóricas para redação científica: por que seu artigo foi rejeitado? – Gilson Luiz Volpato; Cultura Acadêmica Editora & Scripta Editora; 128 páginas. R\$ 30,00. Informações: bestwriting@gmail.com e gilvop@gmail.com

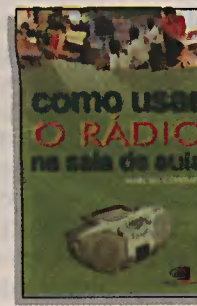


Meirópolis, George Grosz

ESCOLA

Rádio na educação

Guia de referência sobre o uso da linguagem radiofônica em ambientes educativos, este livro parte da ideia de que o rádio pode ser utilizado por educadores de todas as áreas e graus de especialização. Escrito por Marciel Consani, mestre em Educação Musical pelo Instituto de Artes, câmpus de São Paulo, e especialista em Tecnologias Interativas Aplicadas à Educação pela PUC-SP, traz dicas e exercícios organizados por modalidades e com indicação de grau de complexidade. Para orientar os leitores, apresenta “indicogramas”, uma série de pequenos sinais em forma de ícone que pontuam aspectos particulares de cada tópico, assim como um glossário de termos técnicos e radiofônicos. “Busco mostrar o amplo leque de possibilidades didáticas e pedagógicas que a linguagem radiofônica oferece”, diz o autor. A publicação traz informações sobre como montar uma rádio na escola e sobre os gêneros de programação radiofônica, como o jornalístico, o cultural e educativo, o publicitário e o entretenimento, enfatizando a transversalidade do veículo.



Como usar o rádio na sala de aula – Marciel Consani; Editora Contexto; 192 páginas; R\$ 27,00. Informações: (11) 3832-5338 e www.editoracontexto.com.br

Ler, escrever, ser humano

Dois intelectuais de projeção internacional enfatizam importância histórica da escrita e da leitura

OSCAR D'AMBROSIO

O escritor francês François Mauriac (1885-1970), em suas *Memórias íntimas*, aponta que “escrever é lembrar-se, mas ler é também lembrar-se”. Os universos da escrita e da leitura e a sua complexa relação com o tempo são os temas de dois livros recentemente lançados pela Editora UNESP: *História da leitura*, de Steven Roger Fischer; e *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura*, de Roger Chartier.

Em ambos fica claro que as duas atividades são infinitas, no sentido de gerarem um sem-número de interpretações. Talvez o grande ensinamento que possa ser retirado esteja numa defesa constante da naturalidade e da espontaneidade do ato de criar e numa série de alertas contra qualquer tipo de afetação.

O grande segredo estaria numa difícil combinação entre um certo talento natural associado a uma progressiva dificuldade, já que, quanto mais se lê e se escreve, a exigência em relação ao próprio texto e às escolhas literárias tende a aumentar.

Linguísta norte-americano, com doutorado defendido na Universidade da Califórnia na década de 1970, Fischer se debruça sobre o ato da leitura, os leitores e os ambientes sociais que influenciam o que é lido e como esse processo se dá. Seu estudo mostra a importância dos diversos suportes, passando por pedras, ossos, cascas de árvore, muros, monumentos, tabuletas, rolos de papiro, códices, livros, telas e papel eletrônico.

Uma forma de acompanhar melhor o raciocínio histórico desenvolvido pelo autor é lembrar que ele fala fluentemente inglês, francês, espanhol e alemão, admite se comunicar em outras cinco línguas e ler em cerca de 80 idiomas. Fischer se tornou internacionalmente conhecido, no início dos anos 1980, por ter dado contribuição fundamental para decifrar as inscrições da Ilha de Páscoa.

“Prosa eletrônica”

O linguísta, que vive atualmente na Nova Zelândia, onde dirige o Instituto de Línguas e Literatura Polinésias, diferencia dois tipos de leitura: a literal ou mediata (aprendizado) e a visual ou imediata (fluente).

Todos partiriam da leitura mediata, atribuindo um som a um sinal gráfico. Depois, passa a ser dado um sentido ao sinal, avançando-se, em seguida, para agrupamentos cada vez maiores de sinais, formando frases e sentenças curtas. O contato entre sinal e sentido começa a ser aprimorado com a prática, o que permite ignorar o som. Por isso, para Fischer, leitores frequentes se tornam fluentes, minimizando o som e maximizando o significado.

Paralelamente a esse raciocínio, exis-

te uma importante reflexão, no Capítulo 7, intitulado “Lendo o futuro”, sobre a internet. O linguísta acredita que, com ela, surgirá uma espécie de “prosa eletrônica”, que seria “a linguagem informal educada dos e-mails”, com provável influência na forma de falar.

Essa comunicação via correio eletrônico caminhará para um padrão médio, situado entre a linguagem oral, cheia de gírias, e a formal das antigas cartas datilografadas. O ideal seria chegar-se a um padrão mais educado do que a linguagem oral e menos formal do que as cartas em papel.

Para a escrita em escala global, o e-mail trouxe uma importante questão, pois muita gente não estava acostumada a escrever antes do surgi-

mento da internet. Ficou então evidente para os internautas algo que os linguístas já sabiam há tempo: a escrita não tem todos os recursos da linguagem oral.

Ao não ver a expressão e os gestos do interlocutor, nem ouvir seus tons de voz, a redação das frases precisa ser cuidadosamente pensada. Isso levou empresas em todo o mundo a promover cursos para que seus funcionários aprimorem a escrita e se tornem mais aptos a escrever e-mails, evitando ambigüidades ou mal-entendidos que podem gerar prejuízos incalculáveis, tanto em termos de comunicação como financeiros.

Lembrar, esquecer

Combater todo tipo de “esquecimento” ou “mal-en-

tendido” histórico é justamente a preocupação do historiador do livro e da leitura Roger Chartier, diretor de estudos em Ciências Sociais da Escola de Altos Estudos (França) e professor convidado da Universidade da Pensilvânia (EUA).

Em *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura*, o pensador francês parte de um curioso raciocínio. Lança, de forma mais ou menos clara, uma mesma pergunta ao longo de sua obra: quantas vezes você escreveu um rascunho e ficou indeciso se devia guardá-lo, passá-lo a limpo e eliminá-lo em seguida ou simplesmente se livrar dele por achar que nunca seria útil?

Estudar essa indagação individual sob um prisma coletivo dá ao questionamento uma dimensão cultural. Em última análise, o que está em discussão são os critérios para guardar documentos para não perdê-los ou decidir apagá-los para evitar um acúmulo excessivo de material.

Como é de hábito, Chartier mergulha em diversas áreas do conhecimento, promovendo a relação entre a interpretação de textos, descrição histórica, hermenêutica (arte de desvendar os porquês de tudo) e morfologia. Essa mesma preocupação se evidencia na forma de ele lidar com o tempo: há um progressivo mergulho no passado, mas sem perder de vista a importância da escrita hoje e suas possibilidades futuras.

Escrever e apagar um texto, destruindo-o, comporta um dilema: tudo o que o ser humano produz deve permanecer para as gerações futuras? A seleção, no seu próprio tempo, de parte desse material, não seria uma maneira

saudável de evitar o acúmulo de informações com pouco ou nenhum valor?

Todavia, como estabelecer, ao longo do tempo, critérios sobre as ações intelectuais e físicas das sociedades, na encruzilhada entre acumular documentos ou destruí-los, para elas não serem engolidas pela própria produção? O excesso de informação, principalmente nas atuais sociedades globalizadas, também não seria uma forma de anonimato? Afinal, como aponta Chartier, guardar tudo pode estar bem mais próximo do que imaginamos do ato de nada guardar.

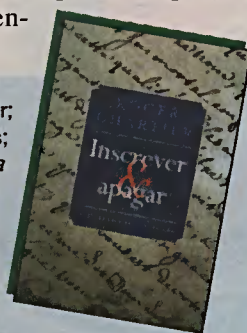
O escritor chinês Lin Yutang (1895-1976) já apontava que “o universo é um grande livro e a vida é uma grande escola”. Fischer e Chartier parecem concordar com esse raciocínio. Ambos alertam para a importância da leitura e da escrita, respectivamente, como fenômeno lingüístico e histórico a desafiar a própria capacidade humana de desafiar o tempo, seja pela necessidade de adaptações, seja pelo estabelecimento de paradigmas para tomar difíceis decisões sobre o que deve ser preservado ou eliminado no presente para ser consultado no futuro, mantendo o passado vivo.



O bibliotecário, Giuseppe Arcimboldo



História da leitura – Steven Roger Fischer; tradução Claudia Freire; 338 páginas; R\$ 49,00. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura* – Roger Chartier; tradução de Luzmara Curcino Ferreira; 336 páginas; R\$ 35,00. Editora UNESP. Informações: (11) 3242-7171 ou www.editoraunesp.com.br



COMUNICAÇÃO

Workshop aborda divulgação científica

Bolsistas do Projeto UNESP-Universia participam de discussões e atividades práticas na Reitoria

No dia 22 de maio, os 33 bolsistas que integram o Projeto UNESP-Universia, coordenado pela Pró-Reitoria de Extensão (Proex), participaram de um *workshop* sobre textos de divulgação científica. O evento, realizado na Reitoria da Universidade, teve por finalidade ampliar os conhecimentos dos alunos sobre a divulgação científica e aperfeiçoar suas atividades no projeto.

Na abertura, o reitor Marcos Macari e a pró-reitora Maria Amélia Máximo de Araújo, da Proex, falaram do papel importante desses estudantes para a divulgação do conhecimento. “Pela característica multicâmpus da UNESP, as reportagens feitas pelos alunos permitem que as pesquisas feitas sejam conhecidas por profissionais de câmpus diferentes”, comentou Macari.

Em 2006, os bolsistas do projeto UNESP-Universia produziram 1.313 reportagens. Dessas, 1.103 foram utilizadas no Portal Universia, 85 no Portal UNESP, e 125 foram publicadas no jornal. O número de textos dos bolsistas apresentou um aumento de cerca de 60% com relação à produção de 2005, que foi de 800.

Em seguida, as representantes do Portal Universia, Joice Lima, de Comunicação e Marketing, e Luciana Fleury, de Conteúdo e Relacionamento, explicaram que o conteúdo divulgado no Portal é visto por jornalistas de diferentes países e veículos, estudantes e professores de Instituições de Ensino Superior. As ações do Universia envolvem 985 universidades em 11 países.



Encontro, que teve a presença do reitor Macari, analisou conceitos, técnicas e procedimentos de profissionais da área

O jornalista Maurício Tuffani, assessor-chefe da Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI), ofereceu aos bolsistas uma série de orientações sobre o exercício da divulgação científica, explicando conceitos, técnicas e procedimentos utilizados por profissionais da área.

O coordenador de Imprensa da ACI, Oscar D'Ambrosio,

explicou aos bolsistas normas e procedimentos para elaboração dos textos e envio de imagens. Após o almoço, os estudantes fizeram atividades práticas relacionadas à questão da objetividade do texto e alguns conceitos jornalísticos, como o *lead*, isto é, a abertura da matéria.

Daniel Patire

EMPREENDEDORISMO

Botucatu cria empresa júnior

Iniciativa busca preparar alunos de Ciências Biológicas e Física Médica para mercado de trabalho

Uma cerimônia realizada no dia 10 de abril, no Instituto de Biociências (IB), câmpus de Botucatu, foi inaugurada a empresa IBB Júnior, composta por alunos dos cursos de Ciências Biológicas e de Física Médica dessa unidade. O evento teve a presença da diretora do IB, Maria de Lourdes Paulino, que destacou que a iniciativa representa uma abertura da universidade para a comunidade.

Com a supervisão do docente José Roberto Corrêa Saglietti, do Departamento de Física e Biofísica do Instituto, a IBB Júnior deverá atuar na prestação de serviços de consultoria ambiental, biotecnologia aplicada, análises clínicas citológicas e hematológicas, pesquisa de paternidade, avaliação de solo, água e alimentos. Também vai realizar análise qualitativa e quantitativa para enfermidades como HIV, hepatite, moléstias infecciosas, além de dosagem hormonal. A área de atuação da IBB Júnior abrange, ainda, serviços em marketing de saúde, empreendedorismo e gestão e planejamento radioterápico.

Na cerimônia também foram empossados os membros da primeira diretoria da empresa. José Alexandre Buso Weiller,



Integrantes da IBB Júnior: prestação de serviços

aluno de Ciências Biológicas – Modalidade Médica, assumiu como diretor-presidente. Estudante de Física Médica, Guilherme Franco Inocenti tomou posse como vice-diretor-presidente. “Nossa proposta é aproximar a Universidade dos problemas do mercado de trabalho, estimulando o empreendedorismo entre os estudantes, para que eles, se desejarem, tenham condições de implantar sua própria empresa”, explica Weiller.

Mais informações sobre a IBB Júnior podem ser obtidas pelos telefones (14) 3811-6254 e (17) 9109-6479 ou no e-mail: ibbjr@ibb.unesp.br

Adriana Donini, Assessoria de Comunicação e Imprensa do IB

DESIGN

Projetos de garrafas vencem concurso

Estudantes conquistam primeiro e segundo lugares em disputa de desenhos de embalagem para cachaça

As alunas Isabella Papa e Ana Carolina Smocowisk, do Instituto de Artes, câmpus de São Paulo, foram classificadas em primeiro e segundo lugar, respectivamente, no Concurso Design de uma Garrafa de Cerâmica para a Cachaça Brasileira. O concurso foi promovido pela Comissão de Artes da Associação Brasileira de Cerâmica, com apoio da Escola Senai Mario Amato e Sindilouças (Sindicato das Indústrias de Louça de São Paulo).

No segundo semestre do ano passado, a Comissão propôs aos estudantes do ensino superior das áreas de Artes e *Design* de algumas faculdades do Estado de São Paulo (USP, UNESP, FMU, Mackenzie e Belas Artes) que desenvolvessem um frasco cerâmico para acondicionar a cachaça brasileira. A comissão sugeria que essa bebida, como produto “*made in Brazil*”, deveria possuir uma embalagem que apresentasse uma identidade efetivamente nacional.

Foram levados em conta no julgamento os quesitos conceito, brasilidade, estética, *design*, ergonomia, envasamento, processo de produção e fechamento. Na primeira etapa da seleção das garrafas, dos 140 projetos apresentados, 18 foram selecionados. As quatro garrafas inscritas por estudantes do IA passaram para a fase seguinte.



Isabella (esq.) e Ana, com as garrafas

Os sete primeiros colocados puderam confeccionar suas garrafas para serem expostas no 51º Congresso Brasileiro de Cerâmica, o mais antigo e importante evento do setor cerâmico brasileiro, que ocorreu em Salvador (BA), entre 3 e 6 de junho.

Durante a elaboração dos protótipos, houve uma parceria com a docente Laila Dalglish, que ministra a aula de Cerâmica no IA. “O concurso teve a finalidade de demonstrar a importância da utilização do *design* para produtos nacionais”, afirma Lalada.

Oscar D'Ambrosio





Encontro realizado em maio em Águas de Lindóia

EMPREENDEDORISMO

Capacitação de docentes é concluída

Oficina integrou programa de implantação de disciplina optativa

A 4ª Oficina de Empreendedorismo para docentes, realizada de 13 a 18 de maio, em Águas de Lindóia (SP), encerrou a primeira etapa do programa de implantação da nova disciplina optativa, promovida por um convênio entre UNESP e Sebrae-SP (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas). No total, foram capacitados 213 professores.

A experiência das oficinas é aplicada nas disciplinas de Empreendedorismo já oferecidas ou em outras relacionadas à gestão de negócios e à abertura de empresas. “Esperamos que os alunos possam enfrentar os desafios do empreendedorismo, seja na perspectiva da abertura e administração do próprio negócio, seja no desenvolvimento de uma postura empreendedora no mercado de trabalho”, afirma Sheila Zambello de Pinho, pró-reitora de Graduação.

EDITORIA

Programa de edição de textos abre inscrições

Meta para este ano é publicar até 15 obras de docentes e pós-graduados

O Programa de edição de textos de docentes e pós-graduados da UNESP está recebendo inscrições até 15 de agosto. A iniciativa, responsável pela publicação de 113 livros, é uma ação conjunta da Fundação Editora da UNESP (FEU) e da Pró-Reitoria de Pós-Graduação.

Neste ano, a meta é editar até 15 obras, de preferência distribuídas entre as áreas de Humanidades, Biológicas e Exatas. A participação no Programa é feita mediante inscrição de textos extraídos de dissertações ou teses, já defendidas ou em fase de conclusão. Podem concorrer, também, pesquisas desenvolvidas na UNESP em cooperação com outras instituições.

Mais informações podem ser obtidas nos endereços www.editoraunesp.com.br e editorial@editora.unesp.br ou ainda pelo telefone (11) 3242-7171.



ADMINISTRAÇÃO

Diretor de Centro de Rio Claro tem novo mandato

Físico foi escolhido em lista tríplice para período de quatro anos

O físico Roberto Naves Domingos foi empossado, no dia 2 de maio, diretor do Centro de Estudos Ambientais (CEA), unidade complementar localizada no campus Bela Vista, em Rio Claro. A cerimônia ocorreu na Reitoria, em São Paulo, e foi presidida pelo reitor Marcos Macari.



Sede do CEA no campus Bela Vista

Trata-se do segundo mandato consecutivo de Domingos, com duração de quatro anos. Docente do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE), Domingos compôs uma lista tríplice elaborada pelo Conselho Científico da Unidade, submetida à avaliação do Conselho de Diretores de Unidades Universitárias.

Além do vice-reitor Herman Voorwald e da atual vice-diretora do CEA, Ana Luiza Brossi Garcia, a posse contou com a presença dos diretores das unidades complementares da UNESP.

EVENTOS DE JUNHO

4 a 6/06 – Araraquara. Simpósio de Farmacognosia. Na FCF. Informações: www.spf2007.hpg.com.br

11/06 – São Paulo. Vacinação contra a gripe. Das 15 h às 17 h. Na sala da Unamos. Na Reitoria. Informações: mazegod@reitoria.unesp.br, (11) 5627-0594. Confirmar os nomes até 4 de junho.

11 a 14/06 – Rosana. III Semana Cultural da UNESP de Rosana. Informações: (18) 3284-9205 ou semanacultural@rosana.unesp.br

12 a 14/06 – Araraquara. I Jornada de Administração Pública. Na FCL. Informações: (16) 3301-6200, ramal 6411, jornadapet@gmail.com, <http://pitagoras.fclar.unesp.br/inscricoes>

12 a 14/06 – Assis. I Colóquio de Alunos da Pós-Graduação em Letras. O encontro irá reunir alunos e pesquisadores da área de Literatura e Vida Social, buscando debater sobre pesquisa e inserção no mercado de trabalho. Local: FCL/Assis. Responsável: Dr Luiz Roberto Velloso Cairo. E-mail: encontrodeletras.unesp@yahoo.com.br

15/06 – Araraquara. Abertura das inscrições para o Curso de Especialização Psicopedagogia Educacional e Clínica, a ser realizado a partir de 4/08. Na FCL. Informações: (16) 3301-6242, com Rita; e (16) 3301-6215, com Cristina; www.fclar.unesp.br/especializacao/psicopedagogia.htm, especializacao@fclar.unesp.br

15/06. São Paulo. Palestra Testes experimentais da Teoria da Relatividade, de Alberto Saa (Unicamp). Projeto Física ao Entardecer. Às 18h30, no Auditório do Instituto de Física Teórica. Rua Pamplona, 145. Informações: (11) 3177-9029 ou www.ift.unesp.br

19 e 20/06 – Botucatu. IV Simpósio Brasileiro sobre Silício na Agricultura. Das 8 h às 18 h. No Auditório da FCA. Informações: Eventos – FEPAF Fundação de Estudos e Pesquisas Agrícolas e Florestais: (14) 3882-6300 / (14) 3882-7373.

23/06 – São Paulo. Arraiá da Asrunesp. Informações: mazegod@reitoria.unesp.br

24 a 26/06 – Botucatu. IV Encontro de Pesquisadores em Mastites. Informações: diretor@fmvz.unesp.br

25 a 27/06 – Botucatu. Aerofogo (2º Curso Brasileiro de Capacitação em Combate a Incêndios em Campos e Florestas para Pilotos Agrícolas). Das 9 h às 18 h. Dia 25 haverá Aula Teórica na Incubadora. Todos os demais dias serão no Aeroporto. Informações: Eventos – FEPAF Fundação de Estudos e Pesquisas Agrícolas e Florestais: (14) 3882-6300 / (14) 3882-7373.

26 a 29/06 – Bauru. I Congresso Brasileiro de Educação: Políticas e Práticas Educativas para a Infância. Organização: Faculdade de Ciências, Câmpus de Bauru. No Centro Cultural Municipal de Bauru. Informações: verinha@fc.unesp.br ou www.fc.unesp.br/cbe

27/06 – Araraquara. Encerramento das inscrições do Curso de Formação em Terapia Comunitária, a ser realizado a partir de julho. Na FCL. Informações: (16) 3301-6225.

28/06 – Botucatu. Último dia do Aerofogo e Primeiro dia do 2º Simpósio Internacional sobre Prevenção e Combate Aéreo a Incêndios em Campos e Florestas no Brasil. Das 9 h às 18 h. No Aeroporto. Informações: Eventos – FEPAF Fundação de Estudos e Pesquisas Agrícolas e Florestais: (14) 3882-6300 / (14) 3882-7373.

29/06 – Araraquara. Encerramento das inscrições para o Curso de Especialização Psicopedagogia Educacional e Clínica, a ser realizado a partir de 4/08.

Reunião de Zootecnia

Os avanços metodológicos aplicados às pesquisas zootécnicas e os ganhos por eles proporcionados na produção animal são



o foco principal da 44ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Zootecnia, a ser realizada de 24 a 27 de julho, em Jaboticabal (SP). A UNESP, a Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV) e a prefeitura local promovem o evento. O programa principal envolve simpósios em oito grandes áreas temáticas: aquicultura; ecologia animal e etologia; forragicultura; genética e melhoramento dos animais domésticos; nutrição e alimentação de cães e gatos; nutrição e alimentação de não-ruminantes; nutrição e alimentação de ruminantes; e reprodução animal. Serão palestras e debates conduzidos por 34 especialistas, entre os quais 18 de renomados centros de pesquisa da Europa, Estados Unidos, América do Sul e África do Sul. “A reunião comportará, ainda, mesas-redondas, cursos satélites e reuniões técnicas sobre outros temas da zootecnia, apresentação de pôsteres e uma agenda cultural e artística a ser desenvolvida em Jaboticabal e Ribeirão Preto”, informa Kléber Tomás Resende, presidente da Sociedade Brasileira de Zootecnia, docente da FCAV e chefe de Gabinete da UNESP. As inscrições já estão abertas. Mais informações podem ser obtidas pelo e-mail sbz2007@sbz.org.br, no endereço www.reuniaoosbz.com.br e no telefone (16) 3209-2627.

Na FCL. Informações: (16) 3301-6242, com Rita; e (16) 3301-6215, com Cristina; www.fclar.unesp.br/especializacao/psicopedagogia.htm, especializacao@fclar.unesp.br

29 e 30/06 – Botucatu. Congresso Brasileiro da Ciência Aeroagrícola 2007. Das 9 h até às 18 h. Todos os dias no Aeroporto. Informações: Eventos – FEPAF Fundação de Estudos e Pesquisas Agrícolas e Florestais: (14) 3882-6300 / (14) 3882-7373.

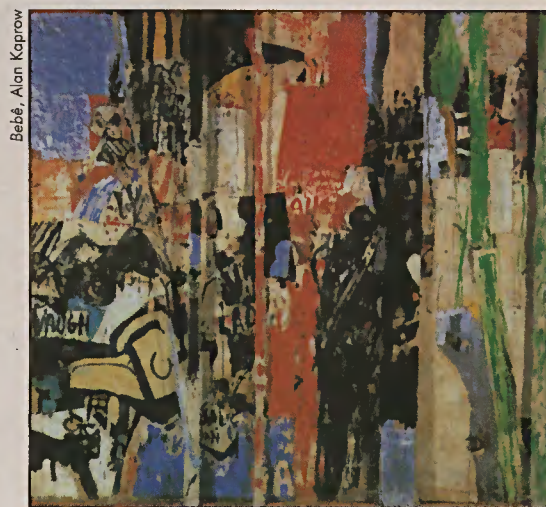


ouvidoria@reitoria.unesp.br

Questões atuais da Universidade

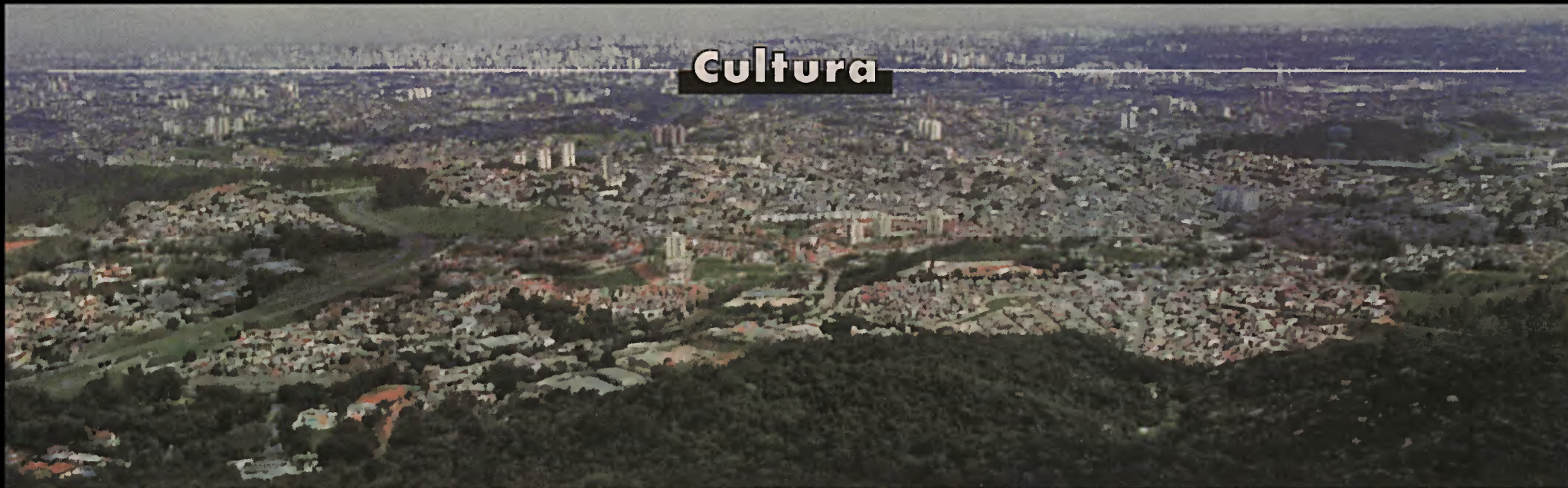
JOSÉ RIBEIRO JUNIOR

Seria mais confortável e produtivo para a universidade fazer reflexões sobre qualidade de ensino, pesquisa e extensão, sem preocupações de ordem administrativa e financeira. Mas é impossível não abordar o assunto mediante os acontecimentos dos últimos meses, que em alguns pontos agudizam-se, como no caso da invasão da Reitoria da USP pelos alunos. A opinião pública se divide, intelectuais buscam razões de fundo, reitores das três universidades públicas de São Paulo buscam mostrar entendimentos que “chegaram a bom termo” (*Comunicado dos Reitores* de 14 de maio), procurando colaborar para conter a crise provocada pelo decreto de criação da Secretaria de Ensino Superior. As mudanças implícitas na nova Secretaria ameaçavam não só a autonomia de gestão financeira como, também, o próprio conceito de universidade pública, colocando-a no mesmo nível das instituições particulares. É o que se pode depreender da nova lei e algumas explicitações de autoridades. Acreditamos que essas questões sejam objeto de reflexão e amadurecimento, a fim de que verdades e princípios se restabeleçam. Os primeiros desentrevos estão iniciados. O próprio secretário da nova pasta, José Aristodemo Pinotti, esclareceu, na *Folha de S.Paulo* (15/05/2007, p. 3): “É importante salientar que questões como Cruesp, contingenciamento, aposentadoria, vinculação orçamentária, financiamento de pesquisa, e tantas outras, ou nunca existiram ou já foram totalmente superadas”. Não é nossa intenção polemizar, mas faltam decretos para regularizar os necessários remanejamentos de verbas orçamentárias, entre outros, de salvaguarda da universidade pública. Diríamos até que a cota parte do ICMS (e são preocupantes projetos que mudam a cobrança desse imposto) destinada às três universidades do Estado mereceria constar



de Lei maior, a exemplo do que ocorre com a Fapesp. São fundamentos desse porte que se espera de um governador respeitado pela população e universidades do Estado.

É necessário rever, para direcionar, recursos e políticas de ensino que beneficiem a sociedade, em especial a sua parte mais carente. São alvissareiras notícias como a criação de dez mil a vinte mil vagas nas universidades federais nos próximos três anos. Criticável é a distorção de igualar e mesmo estimular a proliferação de empresas particulares de ensino superior com vantagens tributárias nunca vistas (V. “Capitalismo sem risco”, de Fernando Rodrigues, *Folha de S.Paulo*, 09/05/2007). Há exceções honrosas, sim, de faculdades que formam bem porque cobram bem. A ascensão social, profissional e cidadã da população depende de investimento estatal maciço na escola pública de todos os níveis. A universidade pública brasileira deve manter e buscar o aprimoramento de seu padrão de ensino criativo para ser mantida e melhor compreendida pela sociedade e pelo poder público.



Vista aérea dos bairros de Pinheiros, Butantã e Morumbi: ocupação da megalópole se consolidou sobre a mais larga planície do mundo em altitude tão elevada, mas convive com problemas como as enchentes

Artes e etnias em São Paulo

Livro lançado por professor do Instituto de Artes resgata história, arte e arquitetura na metrópole paulista

Já chamada de “pátria de heróis e berço de guerreiros” por Fagundes Varela; e de “comoção de minha vida” por Mário de Andrade, a cidade de São Paulo tem sua grandiosidade arquitetônica e urbanística, principalmente a de seu chamado Centro Velho, imortalizada por artistas do passado – e também do presente.

No livro *São Paulo: artes e etnias* (Editora UNESP e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; fotografias de Manoel Nunes da Silva; 440 páginas), de Percival Tirapeli, docente do Instituto de Artes, câmpus de São Paulo, a ser lançado em 7 de julho, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, é possível observar a história da cidade e a forma como as mais diversas etnias ergueram muitos tipos de edifícios em todo o município.

Histórias de edifícios

Lançado pela Editora UNESP e pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, o livro traça um panorama das mais completos sobre a arte e a arquitetura da Capital paulista. Quem é apaixonado pelos edifícios, luzes e sombras propiciadas ao meio-dia e infinitas variações geradas pela iluminação noturna da cidade ficará fascinado ao conhecer as histórias de edifícios que constroem o espaço urbano com versatilidade técnica apurada.

A São Paulo pela qual passamos milhares de vezes sem reparar na harmonia das linhas e nas riquezas visuais de certas nuances. O talento dos imigrantes foi trazer do Exterior suas referências, transformando, com delicadeza, rigor e sensibilidade, sua concepção visual num exercício cada vez mais raro na arte contemporânea.

O assunto São Paulo é desenvolvido ainda por aspectos físicos e geográficos, trazendo informações sobre parques, mananciais, distribuição étnica e roteiros do Centro. Temas como a natureza, as nações indígenas, as bandeiras paulistas, arte e fé e, principalmente, os imigrantes são cuidadosamente tratados.

Visões plásticas

A parte II, do livro, voltada especificamente para as etnias, é o ponto mais importante da obra, porque busca resgatar como cada etnia deu a sua contribuição para o crescimento da cidade e, acima de tudo, para a sua visão plástica. Isso inclui o estudo da presença na cidade dos mais variados povos.

Desse modo, somos conduzidos pela riqueza imagética de escravos africanos, de portugueses, espanhóis, ingleses, alemães, franceses, belgas e italianos, de gente da Europa Central e Oriental, do Oriente Médio, do Extremo Oriente e dos sul-americanos, em espaços como Memorial da América Latina.

Na parte III, estuda-se São Paulo sob três ópticas: artes e ciências; construção dos ismos; e construção da metrópole. É possível então verificar como São Paulo, além de ser o berço da Semana de Arte

Moderna de 1922, abrigou numerosos artistas estrangeiros, principalmente oriundos da Itália, do Japão e do Leste Europeu, que deixaram, cada qual à sua maneira, marcas pela cidade.

É estudado como pintores, escultores e arquitetos colaboraram para o desenvolvimento dos “ismos” que deram a São Paulo um espaço único no cenário artístico nacional. A presença de imigrantes italianos e espanhóis acentuou a existência de idéias socialistas e anárquicas, que traziam consigo o pensamento futurista, movimento italiano de vanguarda cuja ideologia inflama repudia agressivamente a tradição e exalta a cidade moderna e a tecnologia da civilização transformada pela técnica.

Segall e Warchavnik

Com a ascensão das culturas alemã e italiana na cidade, houve, no início do século XX, toda uma campanha de trazer para São Paulo a efervescência cultural e intelectual artística da Europa, principalmente de Paris e Berlim. O marco da introdução do Brasil na arte de vanguarda foi o lituano Lasar Segall.

Ainda nos anos 1920, o arquiteto russo-brasileiro Gregori Warchavnik merece destaque. Nascido em Odessa, Rússia, é considerado o primeiro arquiteto modernista da América Latina. Veio trabalhar no Brasil em 1923. Dois anos depois, publicou o primeiro artigo de arquitetura moderna do País, descrevendo a casa como um bem de consumo qualquer. Construiu em São Paulo a primeira resi-



Paisagem, Manoel Zanini

Artistas como Zanini demonstram a influência italiana entre pintores da cidade

dência modernista do Brasil e da América Latina, em 1927. Projetou ainda, entre outras obras, as sedes de diversos clubes de São Paulo, como o Paulistano, o E. C. Pinheiros, o Tietê e a Hebraica.

Santa Helena e Seibi

Ao lado do célebre Grupo Santa Helena, em que os italianos e seus descendentes predominavam, existiu, em São Paulo, o Grupo Seibi, cuja sigla significa Grupo de Artistas Plásticos de São Paulo. Ativo entre 1935 a 1945, reuniu a colônia japonesa da cidade e teve uma existência quase

desconhecida, devido à discriminação contra os japoneses na Segunda Guerra e à barreira da língua.

Ao contrário do Santa Helena, o Seibi nunca teve sede ou um local comum de trabalho, nem mesmo uma convivência regular entre os seus membros. As reuniões eram mensais e ocorriam em locais diferentes. O núcleo inicial contava, entre outros, com Tomoo Handa, Walter Sigheto Tanaka e Yoshya Takaoka. Após uma primeira exposição no Clube Japonês, em 1938, alguns membros do grupo, muitos ex-trabalhadores de lavouras de café, começaram a se aproximar dos círculos modernistas.

Dissolvido em 1943, com a Segunda Guerra Mundial, o Grupo Seibi ressurgiu em 1947, com uma proposta de incentivo à vida artística de São Paulo, e atua até 1970, desaparecendo definitivamente em 1972. Nesse retorno, porém, teve a oportunidade de acolher novos valores, como Manabu Mabe, Tikashi Fukushima e Tomie Ohtake.

Valores essenciais

Os imigrantes também foram importantes nos anos 1950. Um ano após a I Bienal, em 1952, surge o Manifesto Ruptura e é fundado o Grupo Paulista de Arte Concreta. O Grupo Ruptura contou com artistas estrangeiros como Lothar Charoux, Kazmer Fejer, Leopoldo Haar e Anatol Wladislaw, que propunham a renovação dos valores essenciais das artes visuais, levando em conta as novas relações apontadas pela ciência e pelos meios de comunicação entre espaço-tempo, movimento e matéria.

A publicação, em síntese, retoma a ampla tradição do diálogo do Brasil com a Europa no século XX. Aponta ainda para uma importante reflexão: como os jovens artistas plásticos paulistas contemporâneos têm, diante de seus olhos, um rico patrimônio visual, cultural e arquitetônico.

Oscar D'Ambrosio



Fotos de Manoel Nunes da Silva

Mosteiro de São Bento é exemplo da herança alemã na arquitetura paulistana